



Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
Departamento de Arquitectura

A FÁBRICA DE PAPEL DE GÓIS

Reabilitação do espaço industrial

Andreia Agostinho Barata

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Orientador: Professor Doutor Rui Lobo

Coimbra | Julho 2015

A FÁBRICA DE PAPEL DE GÓIS
Reabilitação do espaço industrial

A presente Dissertação não segue o novo Acordo Ortográfico.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todo o apoio, por nunca desistirem de me ajudar apesar de todas as adversidades, por estarem sempre presentes.

Aos meus irmãos, por estarem sempre ao meu lado.

Ao Gastão, por acreditar sempre nas minhas capacidades, pela compreensão, carinho, amizade e todo o apoio.

Ao professor Rui Lobo, pela orientação, pela disponibilidade, incentivo e todo o apoio.

Aos meus amigos, por, apesar da distância que muitas vezes nos separa, estarem sempre presentes, pela compreensão e aconselhamento. Pela amizade de cada um.

Ao engenheiro João Nogueira Ramos, por toda a ajuda, disponibilidade e simpatia.

Ao topógrafo Pedro Eduardo Costa Barata, por gentilmente me ter cedido as plantas da Fábrica de Papel de Góis.

A todos os que, directa ou indirectamente, me ajudaram a realizar este trabalho e que contribuíram para que os meus dias fossem melhores.

O meu muito obrigado!

RESUMO

A Fábrica de Papel de Góis foi fundada em 1821 pelos irmãos José Joaquim de Paula e Manuel Joaquim de Paula. Foi construída numa pequena localidade entre Góis e a Lousã, em Ponte do Sótão. O conjunto construído da Fábrica possui espaços de grande interesse arquitectónico, sendo evidentes as várias fases de construção, com os traços e materiais característicos de cada época. Com uma localização privilegiada, entre serras e junto ao rio, com espaços de grande interesse, com uma história marcante para a vila e para as pessoas da localidade, tendo sido um marco no desenvolvimento social e económico local, este edifício é uma referência do passado mas que não deve ser esquecido e que deve pertencer ao futuro, com uma nova função. Desta forma o complexo da Fábrica de Papel de Góis requer que lhe seja atribuído um novo programa que o inclua na dinâmica socioeconómica e turística da zona. O projecto de proposta para adaptação do edifício da antiga Fábrica de Papel de Góis ao novo programa, tem como objectivo manter a memória do conjunto industrial, ressaltando, deste modo, a sua essência e não permitindo a descaracterização do mesmo. O interior do edifício será preservado nos espaços com maior interesse e potencial e será reformulado ou demolido nas zonas menos interessantes. A distribuição do programa é pensado a partir das fases de construção do edifício. Assim é proposto, para o edifício mais antigo, terminado em 1912, um Hotel de Montanha com Restaurante que serve o exterior mantendo, na sua essência, as características construtivas e espaciais bem como o desenho das fachadas. Para o edifício de uma segunda fase de construção da Fábrica, com início em 1954 e que termina aproximadamente no fim da década de 70, onde se percebe a utilização de materiais novos e uma construção moderna, são propostas duas grandes Salas de Eventos. No edifício acrescentado nos anos 70, na margem direita do rio Sotão, propõem-se um estacionamento coberto, no piso inferior, e uma sala de recepção, no piso superior, que faz a distribuição para os diferentes espaços do programa através de pontes que atravessam o rio. É proposta a demolição dos acrescentos da Fábrica com menos interesse arquitectónico. Refere-se o acrescento construído ao longo dos tempos, aproximadamente entre os anos 60 e os anos 80, um volume de espaços estreitos e sem luz que se tratavam de armazéns de produto acabado e outro grande edifício, a Sul, construído entre os anos 70 e 75, que devido ao seu tamanho descaracteriza a antiga Fábrica e o vale onde está inserido.

ÍNDICE

	INTRODUÇÃO	10
1	O EDIFÍCIO PRÉ-EXISTENTE	16
1.1	LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO	18
1.2	CRONOLOGIA	32
	1.2.1 ADMINISTRAÇÃO DA FÁBRICA DE PAPEL DE GÓIS	32
	1.2.2 LABORAÇÃO DA FÁBRICA CONTEXTO NA INDÚSTRIA NACIONAL	36
	1.2.3 PRODUTIVIDADE E INSTALAÇÕES DA FÁBRICA DE PAPEL DE GÓIS	42
1.3	DIAGNÓSTICO	50
2	REABILITAÇÃO DO ESPAÇO INDUSTRIAL	54
2.1	CASOS DE ESTUDO	56
3	PROPOSTA	72
4	JORNADA DEDICADA À PONTE DO SOTAM E À INDÚSTRIA DO PAPEL	84
	CONCLUSÃO	94
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100
	FONTES DE IMAGENS	106
	ANEXOS	



Fig. 1 - Complexo industrial da antiga Fábrica de Papel de Góis | Fotografia actual



Fig. 2 - Complexo industrial da antiga Fábrica de Papel de Góis | s.d.

INTRODUÇÃO

O património existente é um portador de cultura e de memórias do passado, muitas vezes com valor histórico, arquitectónico e social. Refiro-me, em particular, ao património industrial como tema de trabalho. No seu passado fixaram populações, dinamizaram regiões e foram importantes indústrias. Hoje, descaracterizados e obsoletos, nada oferecem aos locais onde estão implantados.

A reabilitação deste património e a sua adaptação a novas funções, conforme as exigências actuais e locais, como uma oportunidade de reintegração destes testemunhos industriais na vida contemporânea, mostra-se cada vez mais um tema essencial sendo um desafio actual para a arquitectura.

O meu interesse por estes casos em geral, e a preocupação, em particular, por uma realidade que me é mais próxima, a do complexo industrial da Fábrica de Papel de Góis [Fig. 1 e 2], são as motivações para o tema de investigação da presente Dissertação inserida no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitectura.

A má gestão das empresas, as crises económicas ou condutas erradas por parte dos proprietários são os motivos que levaram ao abandono das antigas fábricas e a sua consequente degradação, sendo estas muitas vezes alvo de vandalismo. No caso da Fábrica de Cerveja em Coimbra, assim como na Fábrica de Papel em Góis, após o encerramento foi vendido todo o material, destruindo-se partes do edifício, sem qualquer sensibilidade no que diz respeito à arquitectura ou à memória do espaço, descaracterizando as fábricas.

É importante reflectir sobre estes “gigantes adormecidos”. Abandonar e deixar o tempo tomar conta deles não é a solução. É necessária uma rigorosa análise no que diz respeito ao valor arquitectónico, cultural e social, bem como perceber quais as exigências da zona onde o edifício está inserido, ao nível programático, de forma a perceber qual a melhor solução. Muitos são os casos, incluindo a Fábrica de Papel de Góis, onde nada foi feito ou decidido. Este impasse pode ter origem em questões de ordem financeira e/ou geográfica e, muitas vezes, não por falta de valorização patrimonial ou cultural. Estas dificuldades talvez se devam ao facto de, em muitos casos, os edifícios simplesmente caírem no esquecimento.



Fig. 3 - Moinho de Papel de Leiria



Fig. 4 - Antiga Fábrica de Papel de Ponte do Espinhal

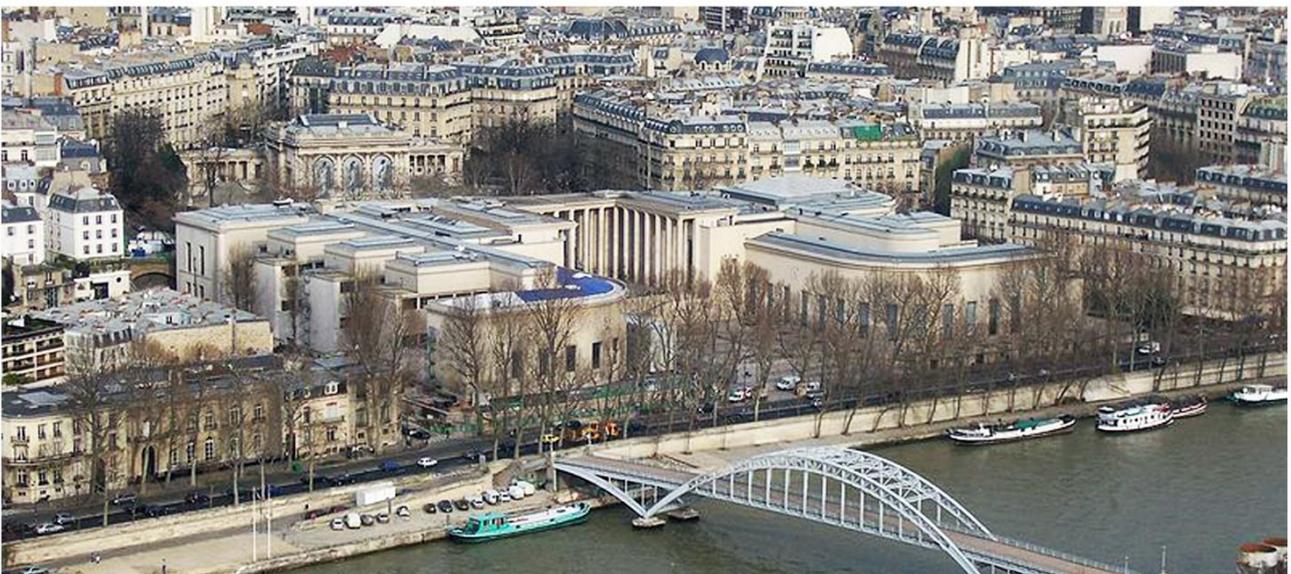


Fig. 5 - Palais de Tokyo, Paris

Os edifícios industriais são um marco na vida e na identidade das comunidades envolventes. É um dos propósitos deste trabalho a sensibilização destas questões para que haja uma maior preocupação na adopção de medidas e soluções, de forma a evitar a degradação e abandono do nosso património.

É notória a solução encontrada para o Museu do Papel de Santa Maria da Feira, onde o legado e a memória, transmitidos pelos seus antepassados, não são esquecidos, são antes reconhecidos e recordados. É também exemplo a preservação do Moinho de Papel de Leiria [Fig. 3], com o projecto da autoria do arquitecto Álvaro Siza Vieira, onde algo foi pensado e executado de forma a valorizar o património, mantendo a memória daquele que foi o primeiro moinho de papel instalado em Portugal, no ano de 1411.

Neste trabalho pretendo abordar todas estas questões, tendo como principal objectivo o desenvolvimento do projecto de proposta para a reabilitação do complexo da Fábrica de Papel de Góis e a sua adaptação a um novo programa. De forma a obter uma base de trabalho para a elaboração da proposta são analisados, numa primeira fase, o contexto histórico e urbano do edifício pré-existente, bem como as suas características construtivas e espaciais. É necessário compreender as potencialidades e fragilidades do conjunto construído da Fábrica de Góis, ao nível da localização, da construção e dos espaços, de forma a determinar a sua adaptação a uma nova função, preservando a sua identidade e não descaracterizando o antigo conjunto fabril.

É feita uma investigação, numa segunda fase, sobre o tema da reabilitação do espaço industrial, apresentando alguns casos de estudo pertinentes para a compreensão e análise do caso de estudo principal, a antiga Fábrica de Papel de Góis. Assim são analisados os casos do Moinho de Papel de Leiria e o Museu do Papel de Santa Maria da Feira, ambos reabilitados como museu vivo, havendo a possibilidade do visitante experimentar a produção de papel. O caso da antiga Fábrica de Papel de Ponte do Espinhal foi transformada numa unidade hoteleira [Fig. 4], revelando ser possível e viável um programa desta natureza nestes espaços industriais, assim como é pretendido com parte da proposta a ser apresentada para a Fábrica de Góis. É também analisado o caso da antiga Fábrica das Moagens Harmonia, que foi adaptada a um programa hoteleiro em conjunto com o Palácio do Freixo, apesar de não se trata do melhor exemplo de reabilitação do espaço industrial uma vez que todo o interior foi destruído



Fig. 6 - Fotografia actual da Fábrica de Papel de Góis



Fig. 7 - Fotomontagem Fábrica de Papel de Góis
Marca a branco: proposta de demolição

e refeito, permanecendo apenas o desenho das fachadas. São ainda analisados os casos de reabilitação do Matadouro em Madrid e do edifício Palais de Tokyo em Paris [Fig. 5] que albergam diversos eventos, como se pretende para a reabilitação de parte da Fábrica em Góis, deixando a estrutura do interior original, revelando a potencialidades destes grandes espaços.

Desta forma percebe-se a versatilidade do espaço industrial, bem como a diversidade de opções de reabilitação deste património.

De seguida é apresentada a proposta de projecto para a reabilitação do caso em estudo, que apresentará um programa pensado a partir das evidentes fases de construção. Propõe-se na construção mais antiga um Hotel de Montanha com Restaurante que serve o exterior. Na fase de construção seguinte duas grandes Salas de Eventos e um Estacionamento no edifício construído posteriormente na margem direita do rio. É proposta a demolição apenas nos acrescentos da fábrica com menos interesse arquitectónico. A proposta pretende manter a memória do conjunto industrial, bem como as suas características espaciais e construtivas.

Para finalizar, são expostas informações sobre a Jornada, que decorreu no passado dia 13 de Junho de 2015 na Casa da Cultura de Góis, intitulada por “Ponte do Sotam e a Indústria do Papel”. A jornada contou com a minha participação com o tema: “Património Arquitectónico do Complexo Industrial da Fábrica de Papel de Góis, Projeto de Reabilitação”. Participei pelo meio de uma comunicação oral e pela contribuição na exposição temporária, com painéis e uma maquete, de forma a expor o projecto de proposta para a reabilitação do complexo Industrial da Fábrica de Papel de Góis.

1 O EDIFÍCIO PRÉ-EXISTENTE



Fig. 8 - Antiga Fábrica de Papel de Góis | s.d.



Fig. 9 - Antiga Fábrica de Papel de Góis | s.d.

1.1 LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO

A fundação da Fábrica de Papel de Góis, pelos irmãos José Joaquim de Paula e Manuel Joaquim de Paula, remonta à década de 20 do século XIX. Inserida num vale, entre as serras do concelho de Góis, na localidade de Ponte do Sótão, foi implantada junto ao rio Sótão, inicialmente na margem esquerda do rio e mais tarde ocupando as duas margens.

Com a Fábrica são trazidos para a localidade novos hábitos, uma organização social e modo de vida diferentes. A população concentra-se em torno da fábrica e assistem-se a novas rotinas, ao cumprimento de horários, a questões e termos como “contrato”, “ordenado”, “capitalismo”, “produtividade”, até à altura desconhecidos.

A arquitectura do edifício industrial apresenta exigências específicas, incrementando-se uma tipologia arquitectónica própria. É evidente na Fábrica de Papel de Góis uma evolução na sua construção ao longo do tempo a nível espacial e construtivo. Não só no caso de Góis, mas em geral, também os materiais, técnicas construtivas, fontes energéticas e a dimensão dos espaços internos foram evoluindo a par da própria indústria, percebendo-se a introdução destas inovações nos acrescentos da fábrica.

Já haviam sido exploradas, até ao século XVII, algumas fontes de energia como a eólica e hidráulica. Para albergar a produção eram recorrentes edifícios em alvenaria com componentes em madeira, que se iam adaptando às inovações da época, introduzindo os moinhos movidos pela força e movimento da água e os moinhos de vento.

A implantação geográfica dos moinhos, que mais tarde dariam lugar às fábricas no geral, mas em particular as de papel, várias características tinham em comum. A principal e mais evidente trata-se da sua localização junto aos rios, uma vez que, para além de a água entrar na composição do papel era também usada a força motriz que alimentava a fábrica antes da introdução da energia eléctrica. Foram criadas diversas manufacturas como é exemplo a Real Fábrica dos Panos, inaugurada em 1764, numa época em que a inclusão da indústria em estratégias de desenvolvimento económico, a reestruturação e mecanização da própria produção bem como a criação de zonas habitacionais junto à fábrica são os principais factores de desenvolvimento industrial.

É então, em 1821, implantada a Fábrica de Papel em Ponte do Sótão, Góis, sendo lá instalado um rudimentar moinho de papel.

“Decidem colocá-lo em Ponte do Sotam e não em Góis, por a água do rio Sotam se manter mais límpida que a do rio Ceira e de este ser de corrente muito remansosa. A água é também referida com boas características para a indústria, nomeadamente de baixa mineralização.” (Ramos, 2015, p. 13)

Era preferencial a implantação em zonas rurais, onde se encontrava muita mão-de-obra barata, ainda que não muito distantes de um centro urbano como, no caso, Coimbra.

Os fundadores destas empresas “(...) eram quase sempre originários dos grandes centros urbanos, onde mantinham, em alguns casos a sede da empresa. (...) Alguns destes proprietários por terem boas relações directas com a corte/governo tinham protecção, nomeadamente no aspecto da concorrência com empresas do mesmo sector. Outros ainda (...) tinham já um contacto directo com o sector papeleiro (...)” (Martins, 2010, p. 20)

Numa fase inicial, em Góis, a produção fazia-se através de um engenho de laboração artesanal, operando pelo sistema de formas, onde se fazia formação folha a folha e secagem ao ar livre.

José Joaquim de Paula Júnior, em 1859, instala na Fábrica de Papel de Góis uma máquina de formação contínua, transferida de Lisboa. Nesta época haviam apenas quatro máquinas de papel em Portugal, incluindo a de Ponte do Sótão. A primeira máquina data de 1841 na Fábrica da Abelheira, no concelho de Loures. (Ramos, 2015, p. 14)

Uma vez que a máquina se accionava por quatro rodas hidráulicas, a Fábrica de Góis apenas laborava ao longo de oito meses por ano, por falta de água no período mais seco, originando, inevitavelmente, pouca produtividade.

Mais tarde, com o avanço das tecnologias de produção, é instalada uma nova máquina contínua, importada da Alemanha em 1878, por Manuel Inácio. Esta máquina dispunha de oito cilindros secadores que funcionavam a vapor. Nesta época era utilizado trapo e aparas de madeira para matéria-prima, produzindo-se papel de embrulho, alçaço,



Fig. 10 - Cartões de visita da Companhia de Papel de Góis



Fig. 11 - Central Hidroeléctrica de Monte Redondo, Góis | s.d.

manteigado, de impressão, para tabaco, branco e de cores. (Ramos, 2015, p. 16)

Após uma época conturbada, marcada pelas duas grandes guerras mundiais, em que o país atravessava uma crise financeira que afectou a actividade das empresas, em 1906 a fábrica passa de sociedade familiar por quotas (Dias Nogueira & C^a) a sociedade anónima (Companhia de Papel de Góis, SARL) com novos accionistas.

Como consequência da sucessiva evolução da produção, bem como da importante posição da indústria no sector político e económico do país, assiste-se a uma alteração da volumetria e configuração espacial dos edifícios. As fábricas deste período assumem geralmente um desenho simétrico, mais monumental e intemporal.

A fábrica de papel de Góis é então reestruturada, com Francisco Inácio Dias Nogueira e Alfredo Élio Nogueira Dias na direcção da empresa. Desta forma são instalados mais secadores na máquina contínua, obtêm-se novas máquinas e melhoram-se as instalações do edifício antigo da fábrica, aumentando a capacidade de produção.

“Pelo menos em 1915, já se utiliza pasta de madeira. Fabrica-se sobretudo papéis de impressão e de escrever.” (Ramos, 2015, p. 18)

Fazendo face à evolução da indústria, é determinada a construção de uma central hidroeléctrica [Fig. 11] para o fornecimento de energia eléctrica para força motriz e iluminação da Fábrica de Papel de Góis, com o objectivo de melhorar as condições de trabalho, aumentar a capacidade de produção e de tornar a fábrica de papel auto-suficiente do ponto de vista energético.

A construção da central tem início em Setembro de 1907, em Monte Redondo, Carcavelos, no concelho de Góis. É instalada junto ao rio Ceira fazendo-se valer de uma queda de água de doze metros de altura. A central dispõe de uma turbina de 175 KVA, laborando de forma contínua durante nove meses no ano.

É inaugurada a 29 de Junho de 1910, passando a ser fornecida energia eléctrica na fábrica no início de Julho desse ano.

Numa parceria entre a Companhia de Papel de Góis e a Câmara Municipal, em 1912 a central hidroeléctrica fornece energia ao município, passando a existir iluminação eléctrica pública na vila de Góis. Com um papel muito importante no desenvolvimento



Fig. 12 - Antiga Fábrica de Papel de Góis | s.d.



Fig. 13 - Antiga Fábrica de Papel de Góis | s.d.



Fig. 14 - Antiga Fábrica de Papel de Góis | s.d.

económico e social do concelho de Góis, a Fábrica de Papel revela-se, uma vez mais, uma mais valia para a localidade. Desta forma, Góis foi a primeira localidade do distrito de Coimbra a ter iluminação eléctrica pública.

Após as várias intervenções de melhoramentos e ampliações feitas ao edifício original de 1821, que foram acompanhando as necessidades e exigências que a produção de papel implicava, por volta de 1912, dava-se por concluída a primeira fase de construção da fábrica [Fig. 12, 13 e 14], tratando-se do edifício mais antigo presente no conjunto industrial de Ponte do Sótão.

“Com determinação, lançam-se na reestruturação da empresa. (...) beneficiam-se as antigas instalações fabris e constroem-se outras, (...). A data em pedra que se encontra no portão de entrada, 1912, deve assinalar o fim desta fase de construção.” (Ramos, 2015, p. 18)

A empresa abriu falência no final dos anos 20, enquanto o país atravessava uma difícil situação económica. Em Maio de 1933 a laboração da fábrica é retomada, tendo como administrador principal Álvaro de Paula Dias Nogueira, que sucede o seu pai, Francisco Inácio Dias Nogueira. Nesta época é feita uma remodelação e modernização nas instalações e equipamentos da fábrica. É instalada uma nova máquina de formação contínua, de origem francesa, que vem substituir a anterior de forma a melhorar a capacidade de produção.

Ao longo do século XIX e inícios do século XX, para além da grande revolução na actividade industrial com a inclusão de energia eléctrica, outras inovações surgiram, alterando e melhorando as condições de trabalho e respondendo às novas exigências na produção do papel. São assim exploradas as potencialidades do ferro na construção. Este material possibilita a construção de edifícios em altura, como grandes pavilhões e armazéns, assim como a concepção de vãos de maior dimensão, permitindo a existência de maiores entradas de luz. Outro material que veio revolucionar a arquitectura industrial foi o betão. A sua utilização na construção permitiu solucionar de forma inovadora as exigências que iam surgindo na produção industrial, concedendo aos espaços fabris uma grande versatilidade. A arquitectura industrial tem um papel muito



Fig. 15 - Trabalho a céu aberto no decorrer das obras | Década de 50 do séc XX



Fig. 16 - Trabalho a céu aberto no decorrer das obras | Década de 50 do séc XX



Fig. 17 - Obras do acréscimo da Fábrica | Década de 50 do séc XX

importante na introdução e no desenvolvimento destes novos materiais e sistemas construtivos, que mais tarde foram adoptados para a arquitectura corrente.

Acompanhando as tendências e a evolução da indústria e das novas tecnologias construtivas, em 1954, já com Henrique da Veiga Malta de Paula Nogueira na presidência da administração da empresa, e após um período conturbado na fábrica, são aumentados os edifícios do conjunto fabril, dando-se início a uma segunda fase de construção. Com o intuito de restabelecer a normalidade do funcionamento da fábrica juntaram-se novos colaboradores, um chefe fabril com experiência na área e melhoraram-se as condições de trabalho. (Ramos, 2015, p. 24) Junto ao edifício mais antigo são feitas novas salas e armazéns de produto acabado com as técnicas de construção mais recentes, utilizando novos materiais como o betão e o ferro, aumentando as áreas envidraçadas. [Fig. 17] Faz-se também uma modernização e melhoria dos equipamentos da fábrica, passando a utilizar-se apenas pasta de madeira, de eucalipto e pinho, como matéria-prima na produção do papel.

“Especializa-se em papéis de escrita e de impressão, fabricando também papéis de registo e de desenho, cartaz, kraft e cartolinas, gofrados, brancos e de cor.” (Ramos, 2015, p. 24)

Numa tentativa de fazer face à concorrência a nível nacional do sector papelero, é montada uma segunda linha de fabrico completa, por volta de 1970. Dá-se, assim, o início de uma nova fase de construção. É adicionado um novo volume ao complexo industrial da fábrica de Góis, construído na margem direita do rio, onde é montada a nova máquina contínua de produção de papel com 2.2m de largura. Desta forma a fábrica passa a ocupar as duas margens do rio Sótão fazendo-se a ligação das duas margens através de pontes que ligam os edifícios.

Aproximadamente em 1975 é construído um outro volume, também na margem direita do rio Sótão, para albergar a linha de produção da nova empresa, a INTAPE (Indústria Transformadora de Papel, SA). Forma-se assim, em Góis, um “cluster papelero” (Ramos, 2015, p. 31) formado pelas duas empresas: a Companhia de Papel de Góis e a Indústria Transformadora de Papel de Góis.



Fig. 18 - Trabalhadores da Fábrica de Papel de Góis | s.d.



Fig. 19 - Trabalhadores da Fábrica de Papel de Góis | s.d.



Fig. 20 - Trabalhadoras da Fábrica de Papel de Góis | s.d.

Na INTAPE é instalada uma máquina “pintadora” de 2,4m de largura. São produzidos nesta empresa papéis de alto brilho, de alta qualidade, destinados à indústria de artes gráficas, rotulagem e embalagem, tendo como principal fornecedora de matéria-prima a Companhia de Papel de Góis.

Na década de 80 a fábrica de papel de Góis tinha as melhores condições de produção, quer a nível espacial, quer ao nível tecnológico para a fabricação do papel, bem como postos de trabalho para cerca de 300 trabalhadores. Com a crise papeleira e com dificuldades em obter crédito bancário a Companhia de Papel de Góis suspende a actividade.

Mais tarde, numa tentativa de salvar os postos de trabalho a empresa integra-se no grupo *Porto de Cavaleiros*, com sede em Tomar, reiniciando a actividade da fábrica e readmitindo os trabalhadores. A INTAPE integra-se no mesmo grupo acompanhando a Companhia de Papel de Góis no fim da década de 40.

Em 1991 a Companhia de Papel de Góis, assim como a INTAPE, vêm-se obrigadas a terminar a produção, arrastadas pela falência do grupo *Porto de Cavaleiros*.

A INTAPE ainda se reforma fora do grupo Porto de Cavaleiros, reiniciando a laboração em 1992. Pouco depois, ainda no mesmo ano, perante o avolumar da crise, termina definitivamente a sua produção.

COMPANHIA DE PAPEL DE GÓIS
S. A. R. L.

PAPÉIS DE ESCRITA

CONCESSIONARIA E DISTRIBUIDORA

PAPELEIRA DE GÓIS, LDA.

Rua Duques de Bragança, 5-B — Telefone 32 78 57
LISBOA

AGÊNCIAS

PORTO

A. R. MENDES

2
Campo dos Mártires da Pátria, 172 - 174
Telefones 2 01 44 - 2 01 83

COIMBRA

A. F. ROSA

Travessa dos Combatentes da Grande Guerra, 8
Telefone 2 29 80

2
2023

Fig. 21 - Documento - Papeleira de Góis, LDA

A empresa papelreira de Góis marcou de diversas formas a sua presença no mercado. De modo a legar a legitimidade da origem do papel, e utilizado também como ornamento do mesmo, a empresa apresenta a sua própria marca de água/filigrana. (Anexo 4)

A fábrica de Góis esteve presente em algumas exposições em Lisboa.

“(…) na exposição de 1844, a indústria do papel estava representada apenas por duas empresas, a de Ponte do Sotam e a de Porto de Mós.” (Ramos, 2015, p. 15)

Em 1886 terá concorrido à Exposição Distrital de Coimbra com diversos tipos de papel.

A *Revista Industrial* dedica duas edições à Fábrica de Papel de Góis reconhecendo a importância da empresa para a região. (Anexo 2) Uma a 15 de Julho de 1918 e outra a 1 de Setembro do mesmo ano. (Ramos, 2015, p. 20)

É criada em Lisboa *A Papeleira Portuguesa, L^{da}* para venda dos produtos fabricados em Góis, com armazéns próprios, a 23 de Março de 1933. É então diluída e substituída por *A Papeleira de Góis L^{da}*. [Fig. 21], em Fevereiro de 1953. (Ramos, 2015, p. 23)

1.2 CRONOLOGIA

1.2.1 ADMINISTRADORES DA FÁBRICA DE PAPEL DE GÓIS

	<p>1821 José Joaquim de Paula e Manuel Joaquim de Paula inauguram a fábrica, iniciando a produção de papel na Ponte do Sótão, Góis. Ambos viriam a ser presidentes da Câmara Municipal de Góis na década 40.</p>
	<p>1850 (década de 50) José Joaquim de Paula Júnior estava já na gestão de empresa com o seu pai José Joaquim de Paula.</p>
(11 de Julho) 1863 Morre José Joaquim de Paula, o principal empreendedor da fábrica.	
	<p>1870 (aproximadamente) A fábrica é adquirida por Manuel Inácio Dias. Foi nomeado como Capitão de Ordenanças da Milícia de Arganil em 1832 e foi presidente da Câmara Municipal de Góis em 1839/40.</p>
	<p>1889 (16 Novembro) Manuel Inácio trespasa a fábrica aos seus filhos Francisco Inácio Dias Nogueira, Alfredo Élio Nogueira Dias, Aníbal e Clotilde. Os dois primeiros dedicam-se por completo à fábrica. Francisco Inácio assume o cargo de presidência na fábrica. Foi administrador do concelho de Arganil e edil da Câmara Municipal de Góis, onde foi presidente em 1896/98 e 1905/10. Pertenceu ao partido Regenerador e foi ainda coproprietário, redator principal e colunista de <i>A Comarca de Arganil</i> entre 1905 e 1910. Alfredo Élio foi director técnico, instalando a sua residência na fábrica.</p>

(20 de Outubro) **1931**
Morre Francisco Inácio Dias Nogueira, em
Ponte do Sótão.
A 30 de Março de 1949 foi erigida uma
estátua em sua homenagem no antigo
Largo do Pombal, na vila de Góis.

(10 de Agosto) **1951**
Morre Álvaro de Paula Dias Nogueira, em
Góis.

1923 (Julho)

Trabalhava já, como técnico adjunto na fábrica, Álvaro de Paula Dias Nogueira, filho de Francisco Inácio.

1925 (Abril)

Francisco Inácio deixa a gerência aos seus irmãos, por insistência médica, e juntou-se o seu filho Álvaro de Paula Dias Nogueira como director adjunto.

1933

Álvaro de Paula Dias Nogueira, como sucessor do seu pai, assume o cargo de administrador principal da fábrica. Foi distinguido pela Presidência da República com o grau de Oficial da Ordem Militar de Cristo. Engenheiro formado na Universidade de Lausanne na Suíça, fazendo estágios em fábricas no estrangeiro. Tal como o pai e o avô foi presidente na Câmara Municipal de Góis, entre 1941/51.

1952

Henrique da Veiga Malta de Paula Nogueira assume a presidência da administração da empresa.

De ascendência goiense, era familiar dos antigos administradores. Abandona a sua actividade profissional de médico e professor universitário em Lisboa. Adquire acções na fábrica de Papel em Góis e fica como principal administrador.

1971 – Contígua à companhia de Papel de Góis, é constituída a INTAPE (Indústria Transformadora de Papel de Góis) por empresários e técnicos ligados à indústria papeleira, pertencentes aos quadros superiores da Companhia de Papel de Góis, da Porto Editora e da SARRIÓ (Companhia Papelera de Leiza).

1.2.2 LABORAÇÃO DA FÁBRICA | CONTEXTO NA INDÚSTRIA NACIONAL

	<p>1821 Inauguração da Fábrica de Papel de Góis.</p>
	<p>1861 José Joaquim de Paula requer a mudança da sua máquina para Serpins, uma vez que em Ponte do Sótão a fábrica só laborava oito meses no ano devido à falta de água, originando pouca produtividade.</p>
	<p>1863 A fábrica é avaliada em 10 000 réis.</p>
	<p>1881 A fábrica emprega 80 trabalhadores, metade homens e a outra metade mulheres. O salário dos homens varia entre 160 e 500 réis e o das mulheres entre 80 e 120 réis.</p>
	<p>1888 A fábrica emprega 112 trabalhadores.</p>
<p>1891 Grande crise financeira nacional e colapso bancário. Este período de grande instabilidade afectou a economia nacional e, em particular, a laboração das empresas.</p>	
	<p>1906 (13 de Janeiro) Persistindo a crise a sociedade por quotas (Dias Nogueira & C^ª) é transformada em sociedade anónima (Companhia de Papel, SARL) abrindo o seu capital ao exterior. Repartindo por 1250 acções de 100 mil réis, o capital seria subscrito por cerca de 3 dezenas de pessoas.</p>
<p>1914 -1918 Primeira Guerra Mundial</p>	
	<p>1920 (década de 20) A empresa sofre uma grande crise económica e financeira devido à falta de liquidez, pequeno capital social e agravamento da situação económica do país.</p>

<p>1939 – 1945 Segunda Guerra Mundial</p> <p>(década de 50) 1950 Até aos anos 50 assiste-se a uma primeira fase de fraco crescimento industrial. Nos anos 50 surge o arranque dos ganhos de peso na produção industrial nacional.</p> <p>(década de 60) 1960 Nos anos 60 há uma intensificação dos ganhos na produção industrial nacional, assistindo-se a uma fase de grande dinamismo e modernização industrial, que se prolonga até aos anos 70.</p> <p>(década de 70) 1970 Crise intensa e persistente nos anos 70. Ciclo negativo na industrialização Desaceleração do crescimento industrial associado à recessão internacional e à instabilidade que se viveu em Portugal na transição para um regime político com instituições democráticas.</p>	<p>1929 (Junho) Após ter sido cedida a exploração fabril a uma sociedade exterior (Sociedade Fabril e Comercial de Papeis, Lda) com sede no Porto, numa tentativa de salvar a preservação da empresa e os postos de trabalho, a fábrica abre falência.</p> <p>1933 (8 de Maio) Tem reinício a laboração da Fábrica de Papel de Góis.</p> <p>1940 A fábrica emprega 94 trabalhadores. Na década de 40 a empresa volta a atravessar uma grande crise.</p> <p>1952 A empresa encontra-se na eminência de encerrar. O novo administrador traz à fábrica novos colaboradores, com experiência no ramo e com injeção de capital fresco repondo a normalidade do funcionamento da fábrica.</p> <p>1971 (30 de Junho) Com capital de 12 000 000 escudos repartido em 12 000 acções, constitui-se a INTAPE (Indústria Transformadora de Papel, SA) por empresários e técnicos ligados à indústria papeleira, em instalações adjacentes às da Companhia de Papel de Góis que lhe fornecia a matéria-prima para ser transformada.</p>
--	---

	<p>1980 A Companhia de Papel de Góis empregava, neste ano, 285 trabalhadores. Com os novos investimentos e o aumento da capacidade de produção, os postos de trabalho aumentam para cerca de 300 trabalhadores.</p> <p>Na década de 80, dada a crise papeleira e com dificuldades em obter crédito bancário a Companhia de Papel de Góis suspende actividade.</p> <p>Mais tarde, numa tentativa de salvar os postos de trabalho a empresa integra-se no grupo <i>Porto de Cavaleiros</i>, com sede em Tomar, reiniciando a actividade da fábrica e readmitindo os trabalhadores.</p>
<p>1985 A partir de 85 a produtividade industrial volta a crescer. Assiste-se a um novo ciclo dinâmico com tendência de desindustrialização. Perda de peso da indústria em favor dos serviços na actividade económica e na ocupação da população activa.</p>	<p>1985 A INTAPE aumenta o capital social para 3 milhões de escudos. Nesta época a INTAPE empregava entre os 35 e os 40 trabalhadores.</p>
<p>1986 Entrada de Portugal na Comunidade Europeia</p>	<p>1987 A INTAPE aumenta o capital social para 120 milhões de escudos.</p> <p>1989 A INTAPE integra-se no grupo <i>Porto de Cavaleiros</i>, acompanhando a Companhia de Papel de Góis, a sua principal fornecedora de matéria-prima.</p> <p>1991 A Companhia de Papel de Góis, assim como a INTAPE, vêm-se obrigadas a terminar a produção, arrastadas pela falência do grupo <i>Porto de Cavaleiros</i>.</p> <p>1992 A INTAPE ainda se reestrutura fora do grupo Porto de Cavaleiros, reiniciando a laboração. Pouco depois, perante o avolumar da crise, termina definitivamente a sua produção.</p>

1.2.3 PRODUTIVIDADE E INSTALAÇÕES DA FÁBRICA DE PAPEL DE GÓIS

<p>1411 É instalado o primeiro moinho de papel de Portugal, em Leiria.</p>	
<p>1821 Primeira fase de construção, com o início da produção de papel em Góis.</p>	<p>1821 É instalado um moinho de papel na Fábrica de Papel de Góis.</p>
<p>1841 É instalada a primeira máquina de formação contínua de papel em Portugal na fábrica da Abelheira, no conselho de Loures.</p>	
	<p>1844 Na Exposição de Lisboa deste ano a indústria do papel estava representada apenas por duas empresas. A de Góis e a de Porto de Mós.</p>
	<p>1859 É instalada uma máquina de formação contínua (uma de quatro na época em Portugal) transferida de Lisboa. A máquina acciona-se por quatro rodas hidráulicas, uma de 4,4m de diâmetro, as outras de 3,3m.</p>
	<p>1878 É instalada uma nova máquina contínua, vinda da Alemanha, que funcionava a vapor. Com 1.65m de largura e com oito cilindros secadores. “Produz-se então papel de embrulho, alçaço, de impressão, branco e de cores, manteigado, para tabaco e “de cores para embrulhar palitos”. Como matéria-prima principal trapo e apara de madeira.” (Ramos, 2015, p. 16)</p>

	<p>1886 A Fábrica de Papel de Góis concorre à Exposição Distrital de Coimbra com vários papéis.</p>
	<p>1906 Reorganizam-se as condições e hábitos de trabalho, melhoram-se as antigas instalações da fábrica, instalam-se mais secadores na máquina contínua, com aumento da sua capacidade para 4 toneladas de produção diária.</p>
<p>1907 (Setembro) Têm início as obras da central hidroeléctrica em Monte Redondo, Carcavelos, junto ao rio Ceira.</p>	
	<p>1910 (29 de Junho) É inaugurada a Central Hidroeléctrica em Monte Redondo, Carcavelos, junto ao rio Ceira. Dispunha de uma turbina de 175 KVA. Foi mandada construir com o intuito de fornecer a fábrica de papel com energia eléctrica. A 2 de Julho inauguram-se as Instalações eléctricas na fábrica.</p>
<p>1912 O edifício original de 1821 vai sofrendo alterações e ampliações conforme as necessidades da produção do papel. Esta primeira fase de construção termina em 1912, tratando-se do edifício mais antigo presente no conjunto industrial.</p>	<p>1912 Devido a um contracto estabelecido entre a Fábrica de Papel e a Câmara Municipal, a vila de Góis passa a ter o fornecimento de energia eléctrica, sendo a primeira povoação do distrito de Coimbra a ter iluminação eléctrica pública. No mesmo ano são produzidas 829 toneladas de papel.</p>
	<p>1913 São produzidas 1000 toneladas de papel no ano.</p>
	<p>1915 Na fabricação do papel utilizava-se já pasta de madeira, produzindo-se sobretudo papéis de impressão e de escrever.</p>
	<p>1918 (15 de Julho e 1 de Setembro) A Revista Industrial dedica duas edições à fábrica de Góis, reconhecendo a importância da empresa para a região.</p>

1924

São produzidas 658 toneladas de papel no ano.

1925

São produzidas 681 toneladas de papel no ano, utilizando-se como matéria-prima papéis velhos e trapo.

1932

Após o processo judicial, para que a empresa voltasse aos seus proprietários, foram modernizadas as instalações da fábrica, com a finalidade de melhorar a capacidade de produção.

No mesmo ano a Central Hidroeléctrica de Monte Redondo passa a fornecer energia eléctrica também ao concelho da Lousã, após a central ter sido equipada com um segundo grupo gerador de 400 KVA.

1933

É feita uma reorganização e modernização na fábrica, com instalação de uma nova máquina de formação contínua, em substituição da anterior, de origem francesa, com 1.65m de largura. Aumentando, assim, a capacidade para 11 toneladas de produção diária.

A 23 de Março deste ano é criada em Lisboa *A Papeleira Portuguesa, L^{da}* para venda dos produtos fabricados em Góis, com armazéns próprios.

1953 (Fevereiro)

A Papeleira Portuguesa, L^{da} é diluída e substituída por *A Papeleira de Góis L^{da}*.

1954

São aumentados os edifícios da fábrica, dando início a uma segunda fase de construção. Junto ao edifício mais antigo são feitas novas salas e armazéns de produto acabado. Estes armazéns, com vários pisos, são terminados na década de 80 aproximadamente. Faz-se uma modernização e melhoria dos equipamentos da fábrica.

	<p>1960 Nesta época a matéria-prima passa a ser exclusivamente pasta de madeira de eucalipto e pinho. A produção aumenta, sendo especializada em papéis de escrita e de impressão. É produzido também papel de desenho e de registo, kraft, cartaz e cartolina, gofrados, branco e de cor.</p> <p>1968 São produzidas 3469 toneladas de papel no ano.</p> <p>1969 São produzidas 3591 toneladas de papel no ano.</p>
<p>1970 Numa fase de construção seguinte é adicionado um novo volume ao complexo da fábrica, construído na margem direita do rio, onde é montada uma segunda linha de fabrico completa.</p> <p>(Aproximadamente) 1975 É construído um novo volume, contíguo ao conjunto edificado da Companhia de Papel de Góis, na margem direita do rio, para albergar a linha de produção da INTAPE (Indústria Transformadora de Papel, SA)</p>	<p>1970 É instalada uma máquina contínua na margem direita do rio, no novo edifício, com 2.2m de largura. Nesse ano são produzidas 3683 toneladas de papel.</p> <p>Na nova empresa, a INTAPE (Indústria Transformadora de Papel, SA), integrada em instalações contíguas à Companhia de papel de Góis, a sua principal fornecedora de matéria-prima, produz-se papéis de alto brilho, de alta qualidade, destinados à indústria de artes gráficas, rotulagem e embalagem. Para as instalações da INTAPE é adquirida uma máquina “pintadora” de 2,4m de largura com capacidade de 4000 toneladas em produção contínua por ano.</p>
	<p>1980 São produzidas, na Companhia de Papel de Góis 12488 toneladas de papel no ano.</p> <p>1986 Atinge-se o máximo de produção da INTAPE, com 2486 toneladas no ano.</p>
	<p>1991 São produzidas, na Companhia de Papel de Góis 10289 toneladas de papel no ano.</p>

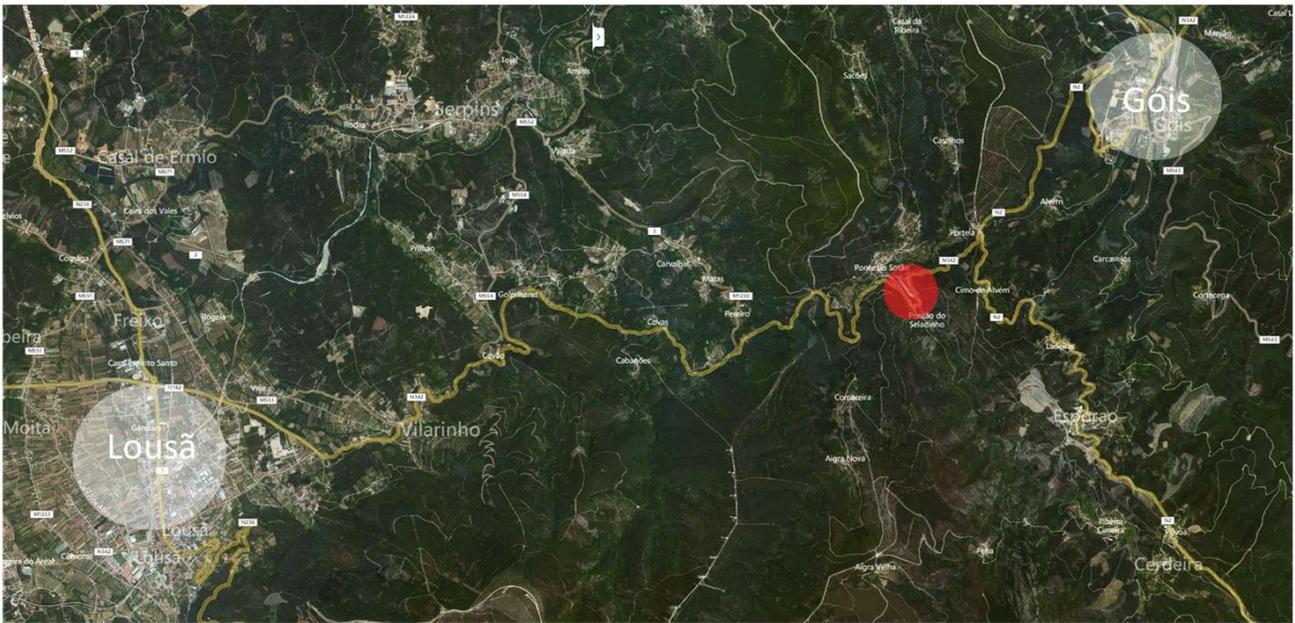


Fig. 22 - Implantação. Lousã | Ponte do Sotão | Góis



Fig. 23 - Fotografia actual | Complexo industrial da Fábrica de Papel de Góis



Fig. 24 e 25 - Fotografias actuais | Edifício mais antigo da Fábrica de Papel de Góis

1.3 DIAGNÓSTICO

A Fábrica de Papel de Góis foi uma indústria fundada em 1821, situada numa pequena localidade, Ponte do Sótão, num local um pouco isolado mas com proximidade tanto à vila de Góis, como à Lousã. [Fig. 22] O conjunto edificado situa-se num vale, junto ao rio Sótão, um afluente do rio Ceira, e entre as serras do concelho de Góis. Trata-se de um local onde os acessos não são muito desenvolvidos, dada a topografia da envolvente, permitindo ao local uma calma e serenidade características da serra, onde se pode ouvir o som da natureza e da água a correr, desfrutando do próprio rio, assim como aproveitar a beleza da paisagem com a serra por detrás do construído.

É interessante a proximidade da implantação do edifício às Aldeias de Xisto da serra da Lousã como a Comareira, Aigra Velha, Aigra Nova, Pena, entre outras, para além da proximidade já referida à vila de Góis e à Lousã, tratando-se de localidades com potencial para atracção turística. Existem também percursos e caminhos associados ao turismo da região, que promovem o turismo da zona.

As várias condições da localização do complexo da antiga Fábrica de Papel de Góis revelam-se como uma mais valia no que diz respeito às condições procuradas pelo que será o público alvo de parte do novo programa a ser proposto para as instalações fabris, isto é, pessoas que procuram zonas mais tranquilas, que procuram usufruir da beleza que a natureza deste local oferece, que exploram a vertente dos passeios rurais, mas também quem procura a acção e a cultura, oferecidas pelas várias actividades desenvolvidas na zona.

O conjunto construído da fábrica possui espaços de grande interesse arquitectónico, cultural e social, sendo bastante evidentes as diferentes fases de construção do complexo edificado, cada fase com os traços e materiais característicos de cada época. O edifício industrial mais antigo, iniciado no século XIX, foi sendo ampliado e alterado até 1912 conforme as exigências da produção do papel, tratando-se do volume mais antigo presente no conjunto. É um edifício construído em alvenaria, com a cobertura em estrutura de madeira e telha cerâmica. Possui espaços de grande interesse, sendo uma construção com grande valor cultural, social e arquitectónico. Este edifício apresenta já algum estado de degradação, estando destruída parte da cobertura [Fig. 24 e 25], assim como algumas janelas e vidros em falta que potenciam a sua progressiva deterioração.



Fig. 26 - Fotografia actual | Complexo da Fábrica de Papel de Góis



Fig. 27 e 28 - Fotografias actuais | Acrescento da Fábrica de Papel de Góis | Fase de construção com início em 1954



Fig. 29 e 30 - Fotografias actuais | Acrescento da Fábrica de Góis na margem direita do rio | Fase de construção com início em 1970

A fase de construção seguinte teve início na década de 50 do século XX, estendendo-se até ao fim da década de 70. Percebe-se já a introdução de novos materiais, assim como as mais recentes técnicas construtivas da época. É evidente a introdução do betão e do ferro, que permitiram a construção em altura, a criação de espaços mais amplos e vãos de maiores dimensões. A estrutura das coberturas deste acrescento é de betão com revestimento em telha cerâmica. Estes novos espaços ainda se encontram em bom estado de conservação, apesar da existência de algumas infiltrações de água potenciadas por vidros partidos, originando a gradual degradação do edifício. [Fig. 27 e 28]

Nas fases de construção seguintes, na década de 70, já na margem direita do rio [Fig. 29 e 30], permanece a utilização do betão e do ferro na construção, sendo utilizado para a cobertura chapa metálica. Estes edifícios mais recentes apresentam também algumas janelas partidas que permitem a entrada de água. Outros aspectos, para além das chuvas e o clima, como a invasão da vegetação no construído, têm aumentado, ao longo do tempo, a progressiva degradação do conjunto industrial.

A fábrica ostenta, também, alguns danos devido a alguma falta de sensibilidade, após a aquisição do conjunto por parte dos novos proprietários, quando foram retirados os equipamentos e maquinaria da produção de papel.

Este edifício, assim como inúmeros casos em Portugal, encontra-se numa situação preocupante. Existem poucos casos de património industrial identificados e classificados, havendo carência de uma análise consistente e fiável que permita a avaliação de cada caso em particular e a sua consecutiva classificação e salvaguarda. Esta situação ameaça a defesa deste património, arriscando a perda total de alguns testemunhos significativos, com grande valor cultural e histórico. Desta forma o complexo da Fábrica de Papel de Góis requer que lhe seja atribuído um novo programa que o inclua na dinâmica socioeconómica e turística da zona, reabilitando-o.

Com uma localização privilegiada, com espaços de grande interesse, com uma história marcante para a vila e para as pessoas da localidade, tendo sido um marco no desenvolvimento social e económico local, este edifício é uma referência do passado que não deve ser esquecido e que deve pertencer ao futuro, com uma nova função.

2 REABILITAÇÃO DO ESPAÇO INDUSTRIAL



Fig. 31 - Fotografia actual | Fábrica de Papel de Góis



Fig. 32 - Fotografia actual | Complexo da Fábrica de Papel de Góis



Fig. 33 - Fotografia actual | Complexo da Fábrica de Papel de Góis

2.1 CASOS DE ESTUDO

O tema da reabilitação do património industrial e a sua apropriação a uma nova função é um tema sensível, que representa um desafio essencial e actual para a arquitectura, mostrando-se, cada vez mais, como uma oportunidade de reintegração destes testemunhos fabris na vida contemporânea.

É necessária uma cuidada análise, caso a caso, de forma a perceber qual o valor do edifício, o seu estado de preservação, e quais as medidas importantes a serem tomadas. Para este trabalho ser criterioso e fiável é preciso o contributo de várias áreas como a história, a arqueologia, a engenharia, a economia e a arquitectura.

Para reverter a situação dos inúmeros casos de edifícios industriais desactivados, que por se encontrarem nessa condição detêm já uma imagem nefasta, em muitos casos num estado de degradação avançado, é necessário ser pensado o seu futuro. Reabilitar ou demolir? Apesar de a demolição ser uma opção possível, não pode, de forma alguma, ser tomada de forma imponderada ou negligente, tratando-se de uma solução irreversível. É essencial ser feito um estudo a cada edifício de forma a determinar a viabilidade para uma eventual intervenção de reabilitação, no sentido de compreender se a construção tem valor arquitectónico, patrimonial e histórico, bem como perceber o seu estado de conservação.

O abandono não é a solução. Para além dos problemas como as patologias na construção e a nefasta imagem do edifício que vai piorando com o tempo, esta falta de medidas perante o património agrava também as questões de ordem social, aumentando o vandalismo e, conseqüentemente, diminuindo as questões de segurança.

Neste momento a Fábrica de Papel de Góis encontra-se abandonada, num progressivo estado de degradação, estando numa situação preocupante. É importante reflectir, dar-lhe a atenção devida e tomar medidas.

As características e potencialidades espaciais, estruturais e formais das construções industriais permitem ao edifício a possibilidade de adaptação às mais diversas funções, desde a reconversão para museu, habitação, hotel, salas de exposições e eventos ou até a reconversão para estabelecimentos de ensino.



Fig. 34 - Moinho do Papel de Leiria | Finais do séc. XIX

Vários são já os exemplos de reabilitação de espaços industriais que comprovam que é possível a sua reconversão e adaptação com sucesso, sendo estes uma mais valia para a região onde se inserem, por contrariedade à situação em que se encontravam anteriormente à sua intervenção.

O caso de reabilitação do antigo Moinho de Papel de Leiria [Fig. 34] trata-se de um projecto que transforma o edifício, anteriormente abandonado e num estado de degradação avançado, numa memória viva.

A sua recuperação foi inserida no Plano Estratégico do Programa Polis, um investimento promovido pela Câmara Municipal de Leiria. Após a aquisição do imóvel foi desenvolvido o projecto de recuperação do edifício que albergou o primeiro moinho de papel a ser instalado em Portugal, em 1411, transformando-o num museu vivo de fabrico de papel e moagem de cereais, inaugurado em 2009.

O moinho localiza-se na cidade de Leiria, na margem esquerda do rio Lis. Como se verifica em várias fábricas de papel, em Leiria a fabricação destinou-se não apenas à produção de papel, como também a outros produtos, utilizando o mesmo sistema de produção de energia. Inicialmente, em Leiria, a produção destinava-se à moagem de cereal e, como já foi referido, foi em 1411 que se iniciou o fabrico do papel. Mais tarde a fábrica passa a funcionar não só para produção de papel, mas também para moagem de cereais, como milho, trigo, centeio e descasque de arroz. Já no século XX passa-se a produzir também azeite.

O moinho de Leiria desempenhou um papel muito importante na evolução da economia da região, utilizando, na sua actividade quer de fabrico de papel, quer de produção de farinha, exclusivamente o aproveitamento da energia hidráulica, através dos moinhos.

Pelo contrário, no caso de Góis a fabricação focou-se exclusivamente na produção de papel. A Fábrica de Papel de Góis foi acompanhando a evolução das tecnologias de fabricação de papel, assim como as novas soluções de produção de energia. Desde um pequeno engenho, com a instalação de um moinho, passando por máquinas a vapor, à introdução de máquinas de formação contínua até, finalmente, à introdução de energia



Fig. 35 - Moinho do Papel de Leiria | Antes das obras de reabilitação



Fig. 36 - Museu do Moinho do Papel de Leiria | Após as obras de reabilitação

eléctrica na fábrica, após a criação de uma Central Hidroeléctrica, no sentido de aumentar a produção e melhorar a qualidade do papel produzido.

“À data do seu encerramento, era ainda uma das fábricas mais sofisticadas.” (Martins, 2010, pág. 42)

O conjunto construído pré-existente, do moinho de papel de Leiria, antes da intervenção, apresentava um estado de degradação considerável [Fig. 35]. O projecto, do arquitecto Álvaro Siza Vieira [Fig. 36], mantém os traços originais do edifício, assim como os engenhos de processo de fabrico, acrescentando um novo corpo e fazendo a requalificação dos espaços exteriores envolventes. O arquitecto usa uma linguagem construtiva tradicional, com alguns apontamentos actuais de forma harmoniosa. O edifício já existente subdivide-se em três sectores museológicos: fabrico de papel, moagem de cereais e cafetaria/esplanada sobre o rio. O corpo novo alberga a recepção e uma zona destinada à memória industrial, com instalações sanitárias que serve o público.

Assim, a intervenção no Moinho de Papel de Leiria pretende manter a memória do antigo conjunto construído, mantendo a configuração espacial e o desenho das fachadas, como as caixilharias, portas e cobertura com estrutura de madeira.

Outro caso exemplar de reabilitação de um testemunho industrial, também de produção de papel, é o Museu do Papel de Santa Maria da Feira, tendo sido o primeiro museu dedicado à história do papel em Portugal, inaugurado em Outubro de 2001.

O museu é constituído por duas antigas fábricas de papel do início do século XIX situadas a poucos metros de distância: a antiga Fábrica de Papel de Custódio Pais a antiga Fábrica de Papel dos Azevedos. A primeira, que funcionou entre 1822 e 1989, foi adquirida pela Câmara Municipal de Santa Maria da Feira em 1992 com o intuito de transformar o edifício num museu vivo, co-financiado pelo Programa Operacional de Cultura. O projecto de reabilitação é da autoria da arquitecta Felismina Topa. A segunda fábrica, que funcionou entre 1824 e 1990, também adquirida pela Câmara Municipal de Santa



Fig. 37 - Museu do Papel de Santa Maria da Feira | Antiga Fábrica de Papel de Custódio Pais



Fig. 38 - Museu do Papel de Santa Maria da Feira | Antiga Fábrica dos Azevedos

Maria da Feira, em 1997, tem como autor do seu projecto de reabilitação o arquitecto Nuno Pinheiro.

É feita uma requalificação dos espaços exteriores na zona envolvente às antigas fábricas de forma a permitir a dinâmica de relações entre fábricas tal como acontecia no seu tempo de funcionamento. Assim, nesta envolvente, é criado um percurso pedonal de ligação entre elas, incluindo nessa dinâmica a ruína de uma outra fábrica de papel que foi destruída por uma tromba de água em 1954.

A antiga Fábrica de Papel de Custódio Pais [Fig. 37] situa-se na margem direita do rio. Neste polo do museu funciona o museu vivo onde, tal como no Moinho de Papel de Leiria, os visitantes podem experimentar a produção de papel. Existe ainda uma zona de exposições permanentes e temporárias, áreas administrativas e espaços de apoio. O projecto, da arquitecta Felismina Topa, mantém o desenho exterior de acordo com o original, utilizando técnicas construtivas e materiais tradicionais em conformidade com a época de construção. No interior do edifício e no pátio percebe-se a inclusão de novos materiais como o alumínio e grandes superfícies de vidro, havendo uma fusão harmoniosa entre o tradicional e o novo.

A antiga Fábrica de Papel dos Azevedos [Fig. 38], o segundo polo do Museu do Papel, quando foi adquirido pela Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, apresentava já um avançado estado de degradação. Trata-se de um edifício de planta rectangular, distribuído pelos seus três pisos, onde a adaptação às novas funções seguiu a lógica das diferentes etapas de produção do papel. Desta forma, após a reabilitação, o edifício alberga a recepção, a loja e cafetaria do museu, gabinetes de trabalho e oficinas pedagógicas, espaços de apoio, bem como um centro de documentação. Foi adaptado parte do edifício da antiga Fábrica dos Azevedos para um espaço multiusos, destinado à realização de exposições temporárias e diferentes eventos.

Para a reabilitação de um edifício industrial talvez seja o programa museológico o que de imediato surge. No entanto, e apesar de ser uma solução viável, não se trata da única. Várias outras soluções são igualmente exequíveis e foram já surgindo e provando a versatilidade do espaço industrial.



Fig. 39 - Fábrica de Papel de Ponte do Espinhal | Antes das obras de reabilitação



Fig. 40 - Antiga Fábrica de Papel de Ponte do Espinhal | Actual HD-Duecitània Design Hotel

É exemplo a reabilitação da antiga Fábrica de Papel de Ponte do Espinhal [Fig. 39], em Penela, transformada num hotel. O edifício está situado na Quinta da Fábrica, na margem direita do rio Dueça, também afluente do rio Ceira.

Tendo um período de laboração curto, a fábrica funcionou de 1877 a 1894. A fábrica de Ponte do Espinhal deu lugar a duas indústrias simultaneamente: a de papel e a de fiação. À semelhança da Fábrica de Papel de Góis não subsiste qualquer equipamento e maquinaria destinados à produção do papel ou dos lanifícios, uma vez que, em ambos os casos, foi tudo retirado da fábrica e vendido como sucata. Mais tarde o edifício voltou a ser utilizado para fins industriais, destinados à moagem, nas décadas de 50, 60 e 70 do século XX.

O edifício principal é de alvenaria de pedra, com uma configuração simples, marcado pelo desenho regular das fachadas, desenvolvendo-se ao longo de quatro pisos. Existe ainda um segundo pequeno edifício, de apoio ao primeiro.

Em 2012 a fábrica dá lugar a um hotel de 4 estrelas, um investimento da empresa Duecitânia (Turismo Lúdico-Cultural) sob a gerência do Sr. António Maduro.

O HD – Duecitânia Design Hotel dispõe de 42 quartos, restaurante, bar e spa. [Fig. 40]

Assim como se verifica neste caso, da antiga Fábrica de Papel de Ponte do Espinhal, transformada em hotel, também a Fábrica de Papel de Góis dispõe de um conjunto de condições, ao nível da sua envolvente, ambientais e espaciais que se revelam como um incentivo ao sucesso da adaptação do edifício a um programa desta natureza. Sendo o público alvo, a este programa, aqueles que procuram o sossego, a calma e a serenidade, junto ao rio, com a fantástica paisagem da serra como fundo.

Exemplo de outro projecto de reabilitação de um edifício industrial tornado habitável, encontramos a Pousada do Freixo, que dispõe de vários quartos, restaurante e salas de estar, como é pretendido para a reabilitação de parte da Fábrica de Papel de Góis, com a proposta a ser apresentada.



Fig. 41 - Pousada do Freixo



Fig. 42 - Matadouro, Madrid

Este empreendimento contou com a cooperação da Câmara Municipal do Porto, com o Grupo Pestana e com o Grupo Pousadas de Portugal, sendo um projecto do arquitecto David Sinclair.

A Pousada do Freixo [Fig. 41] é constituída por dois edifícios diferentes, com uma origem e arquitectura distintas: a antiga Fábrica das Moagens Harmonia, um edifício industrial de geometria simples e meramente funcional, e o Palácio do Freixo, do arquitecto Nicolau Nasoni. Os dois edifícios estão ligados fisicamente, completando-se ao nível programático. O antigo Palácio do Freixo, onde curiosamente funcionou uma produção de sabão, foi adaptado para restaurante, bar, salas de estar e salas de reuniões. A antiga Fábrica das Moagens Harmonia, que à data da reabilitação já não detinha o seu equipamento industrial, alberga 87 quartos, alguns com vista sobre o rio Douro. A chaminé da fábrica foi mantida e reabilitada, situando-se nos arranjos exteriores da envolvente da Pousada do Freixo. Infelizmente o interior da antiga Fábrica das Moagens Harmonia foi destruído e refeito. Apesar de manter as fachadas no seu exterior, esta solução não será a melhor a tomar, uma vez que não mantém a identidade industrial do edifício no seu interior. Tratando-se de um só projecto, e mantendo o desenho das fachadas, verifica-se a convivência harmoniosa do conjunto construído.

Dada a versatilidade do espaço industrial, revela-se bastante viável e oportuno a adaptação do mesmo a um programa igualmente versátil, um espaço multiusos, para a realização de diversos eventos, como se pretende para a reabilitação de parte da Fábrica de Papel de Góis, com a proposta a ser apresentada.

Como exemplo de uma adaptação desta natureza temos o Matadouro de Madrid [Fig. 42], sendo um claro exemplo de recuperação do património industrial, reabilitado para um espaço cultural multiusos. O antigo Matadouro Municipal de Arganzuela situa-se perto do Rio Manzanares, em Madrid. Trata-se de um edifício que combina os tradicionais elementos cerâmicos e tijolo, com a arquitectura industrial. Foi construído o complexo entre 1911 e 1925, que vinha substituir o antigo matadouro existente na Porta do Toledo, pelo arquitecto Luis Bellido y González. O Matadouro Municipal de Arganzuela funcionou até 1996 e desde então foi sendo utilizado para diversas finalidades de origem cultural.

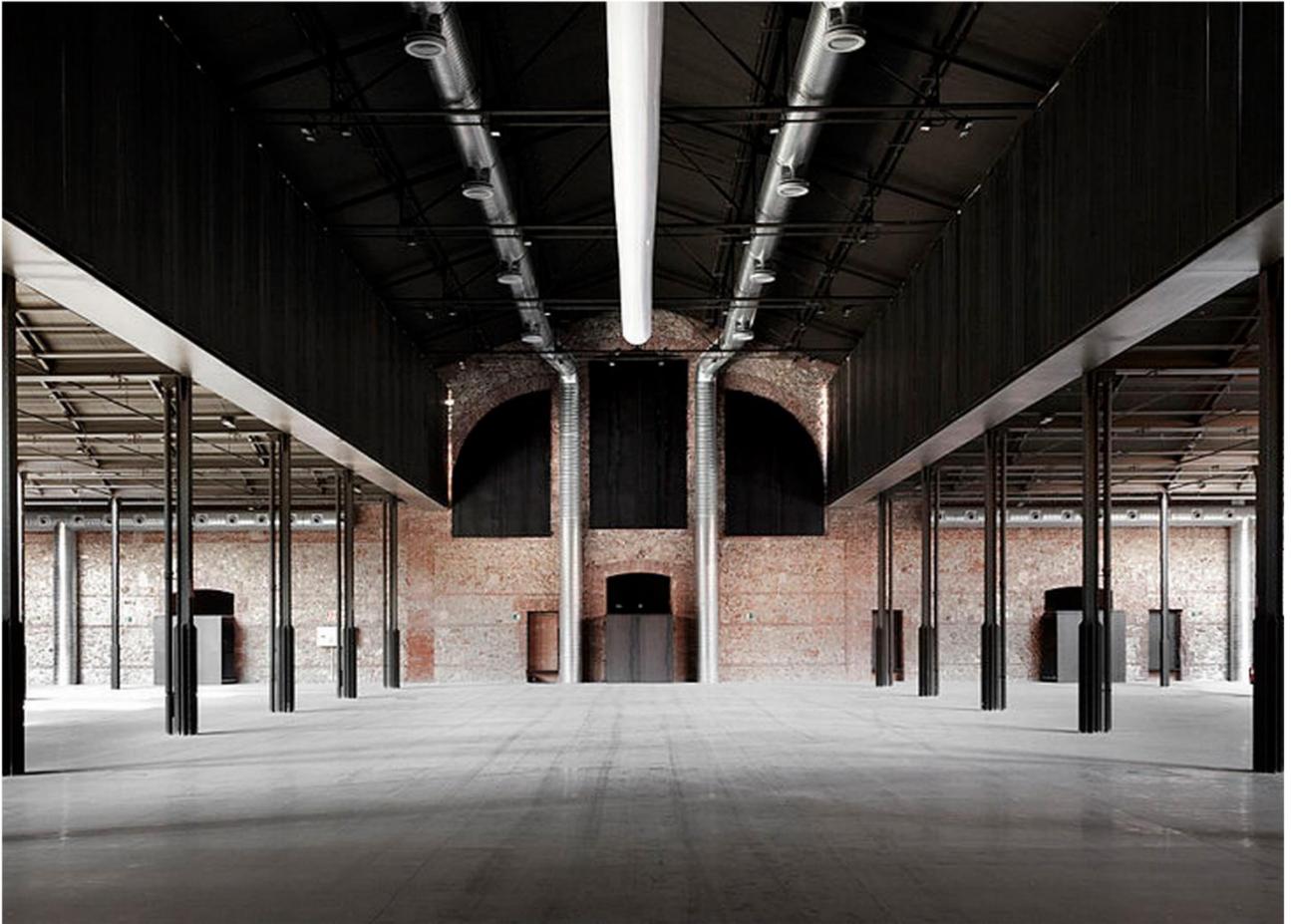


Fig. 43 - Interior Matadouro, Madrid



Fig. 44 - Palais de Tokyo, Paris

Recentemente foi recuperado e transformado num grande centro cultural, dedicado a exposições temporárias, onde têm lugar a produção de diversas correntes artísticas como a moda, pintura, arquitectura, música, cinema e literatura.

O vasto complexo é composto por vários edifícios/naves, que constituem o programa do centro cultural do Matadouro de Madrid, possibilitando a sua adaptação para diferentes equipamentos. Dedicado à exibição de filmes, principalmente documentais, existe a Cineteca. A Nave do Espanhol dispõe de duas salas de espetáculos de teatro e um café-teatro. A Casa do Leitor é destinada à leitura, oferecendo um amplo espaço. A Nave 16 é um espaço expositivo, de grande dimensão, que pode ser utilizado para diversas funções. Existe ainda uma Central de desenho e, com salas de ensaio, cenários para concertos e estúdios de gravação, uma Nave Musical. O edifício Intermediae acolhe a participação pública de vários projectos culturais, podendo qualquer pessoa participar. O trabalho de reabilitação dos pavilhões têm a autoria de diversos arquitectos. Percebe-se, no entanto, o objectivo comum nas intervenções feitas às naves do antigo Matadouro Municipal de Arganzuela, de intervir de forma sublime, pouco evasiva, mantendo e até acentuando a presença da estrutura industrial dos edifícios. [Fig. 43] São, desta forma, adicionados alguns elementos de forma a possibilitarem os acessos e os novos funcionamentos dos edifícios, assim como introduzidos alguns novos materiais, mas deixando intactas as estruturas, como os tectos e os pilares, de forma a manter a identidade do complexo industrial.

Para além deste conjunto de exemplos, muitas outras soluções podem ser tidas em conta para a reabilitação do espaço industrial. O edifício industrial revela-se versátil e com grande capacidade de adaptação, permitindo um variado e complexo conjunto de opções e soluções programáticas e projectuais.

Para finalizar, o actual Palais de Tokyo [Fig. 44], em Paris, é um grande centro de arte contemporânea e foi construído originalmente para esse fim. Não se tratando de um edifício de origem industrial, é um caso de estudo pertinente uma vez que se trata de um edifício expositivo de grandes dimensões, com espaços interiores que remetem para a arquitectura industrial e, reabilitado pela dupla de arquitectos Lacaton & Vassal, apresenta uma filosofia de intervenção de reabilitação interessante e conveniente para a proposta a ser apresentada para o caso em Góis.

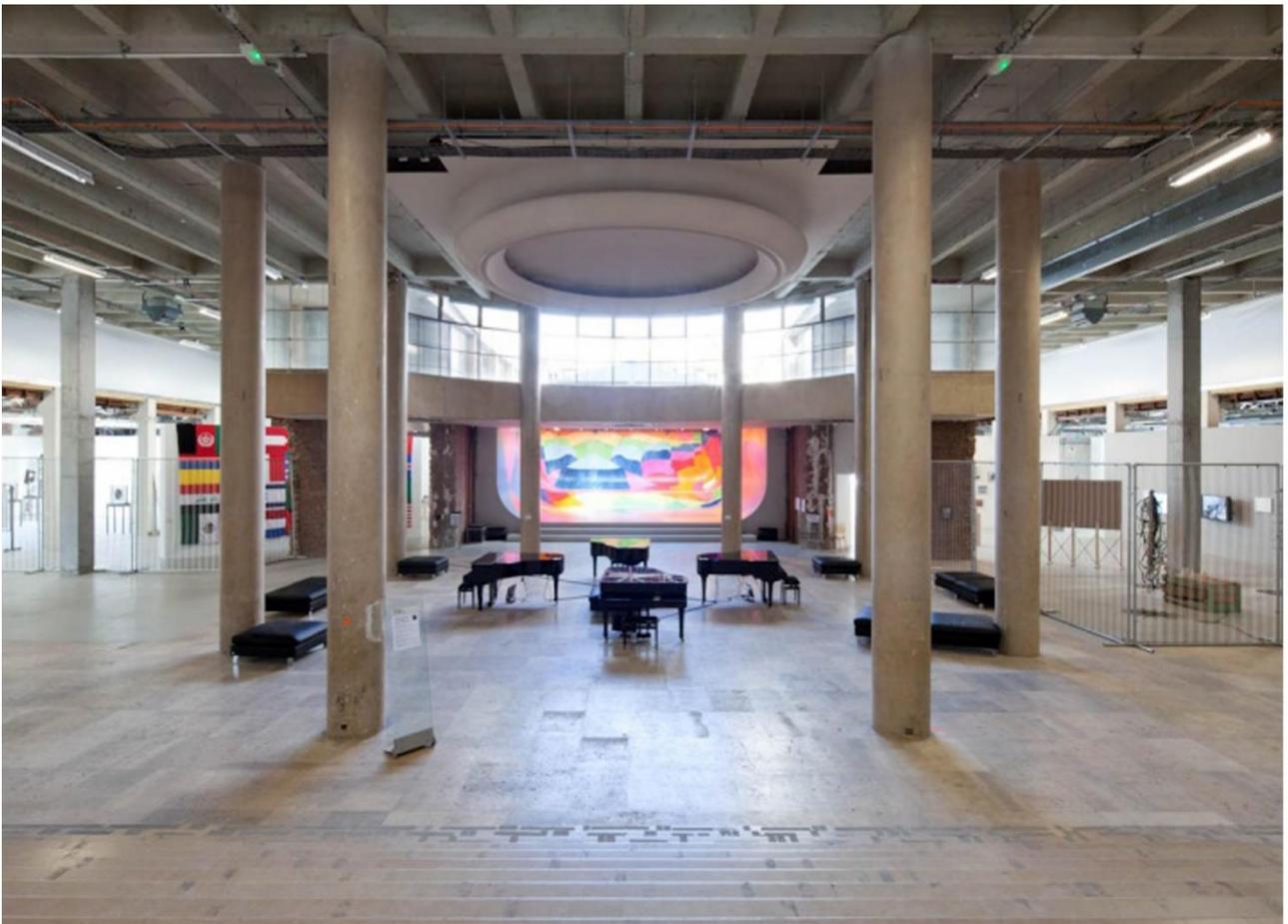


Fig. 45 - Interior Palais de Tokyo, Paris



Fig. 46 - Interior Palais de Tokyo, Paris

O edifício ocupa parte da antiga manufactura de tapetes de Savonnerie. Na década de 30 do século XX o Estado, em concordância com a cidade de Paris, que detinha os terrenos, decide criar um Museu de Arte Moderna.

Com uma arquitectura monumental, o edifício ostenta duas alas simétricas, com uma fonte e escadaria ao centro e esculturas no exterior. Na ala este do edifício é inaugurado, em 1937, o Palais des Musées d'Art Moderne (Palácio dos Museus de Arte Moderna), que mais tarde acolheu o nome Palais de Tokyo, em menção ao cais do mesmo nome. Mais tarde, em 1942, é inaugurado o Museu Nacional de Arte Moderna, na ala oeste do edifício.

O edifício do Palais de Tokyo foi, em 2012, alvo de intervenção por parte dos arquitectos Anne Lacaton e Jean-Philippe Vassal, sob o financiamento do Ministério da Cultura e da Comunicação, Delegação das Artes Plásticas / OPPIC.

Percebe-se uma continuidade do espírito de criação contemporânea, havendo um seguimento do uso anterior do edifício. Trata-se de um espaço cultural que oferece uma multiplicidade de eventos. Com esta intervenção os arquitectos pretendem tirar partido das qualidades da arquitectura do espaço, transformando-o ligeiramente, com uma grande sensibilidade. Acolhe assim exposições, filmes, música, moda, livrarias, cafés, restaurante e lojas, havendo uma máxima utilização do espaço e do próprio tempo de utilização, uma vez que funciona entre o meio-dia e a meia-noite.

Os diversos espaços que compõem o edifício (galerias e corredores) foram pensados num princípio de abertura e fluidez, tendo como referência o Fun Palace de Cédric Price, que se trata do projecto de um edifício aberto, com grande liberdade de uso.

É interessante o trabalho da dupla Lacaton & Vassal que, de forma a preservar a memória do espaço pré-existente, reabilitam o espaço deixando as marcas do seu tempo. Trabalham assim o aspecto inacabado, onde parte da estrutura é deixada intacta, evidenciando o esqueleto do edifício, com os sinais do tempo e da utilização anterior, mantendo a sua identidade [Fig. 45 e 46].

Percebe-se, à semelhança do que se verifica no caso anteriormente falado, do Matadouro de Madrid, o objectivo de intervir de forma subtil, pouco evasiva, mantendo e acentuando a presença da estrutura do edifício.



Fig. 47 - Maquete de proposta | Fotomontagem

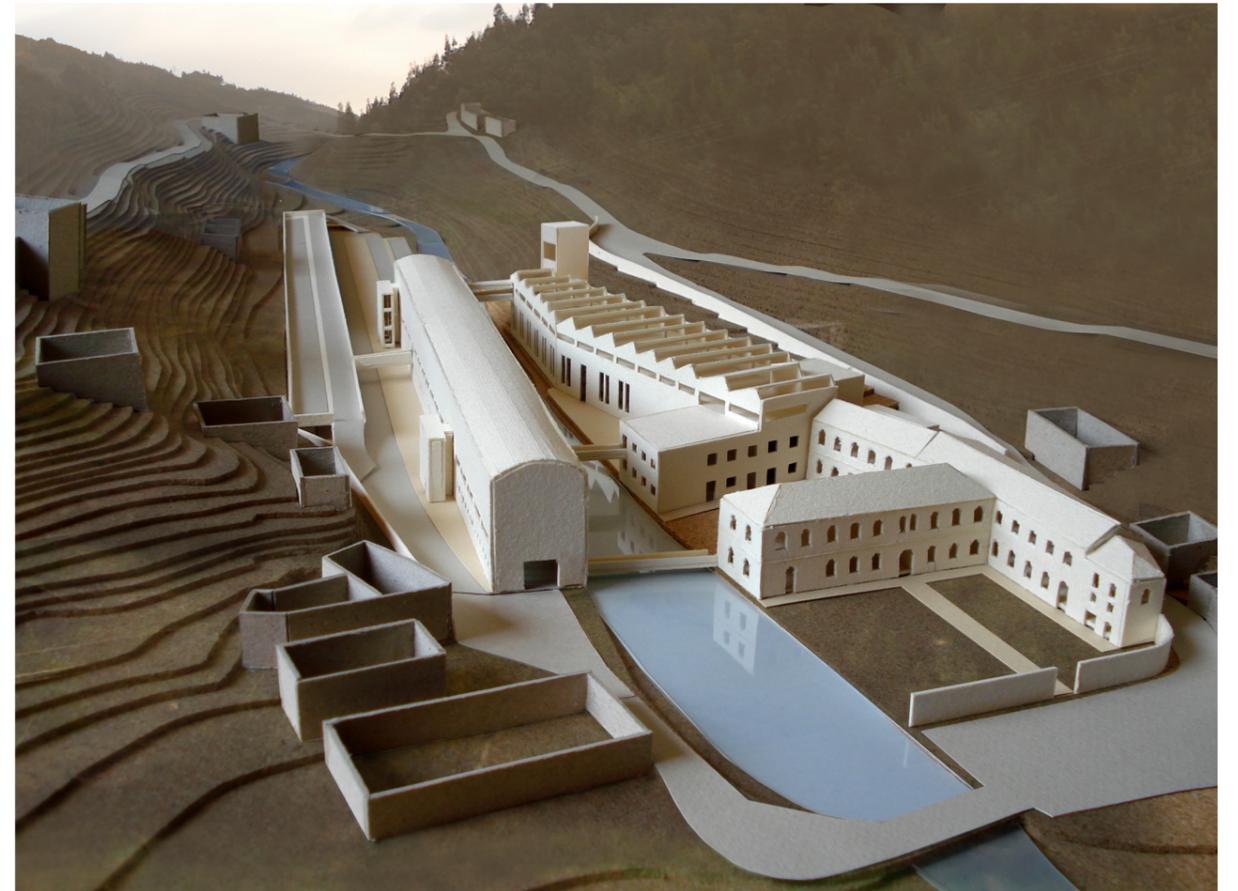
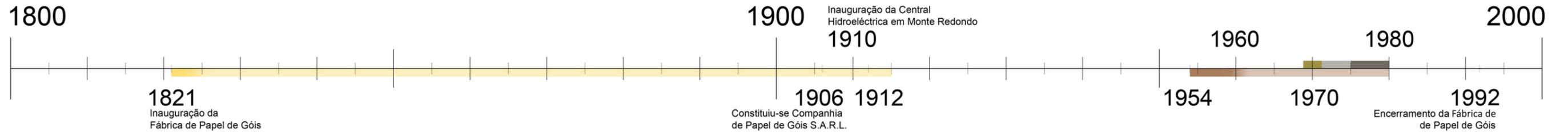


Fig. 48 - Maquete de proposta | Fotomontagem

3 PROPOSTA



Fig. 49 - Maquete de proposta | Fotomontagem



Cronologia - Fases de Construção | Programa proposto



- Fábrica antiga. Início 1821, reformulado até 1912
Proposta: Hotel de Montanha, Restaurante
- Início em 1954 e construído ao longo de 60 e 70
Proposta: Centro de Eventos
- Margem direita do rio. Construído nos anos 70
Proposta: Sala de Recepção e Estacionamento
- Margem direita do rio. Construído 1975
Proposta: Demolir. No local propõe-se um estacionamento exterior
- Construído ao longo dos anos 60 a 80
Proposta: Manter piso térreo como armazém e demolir o restante

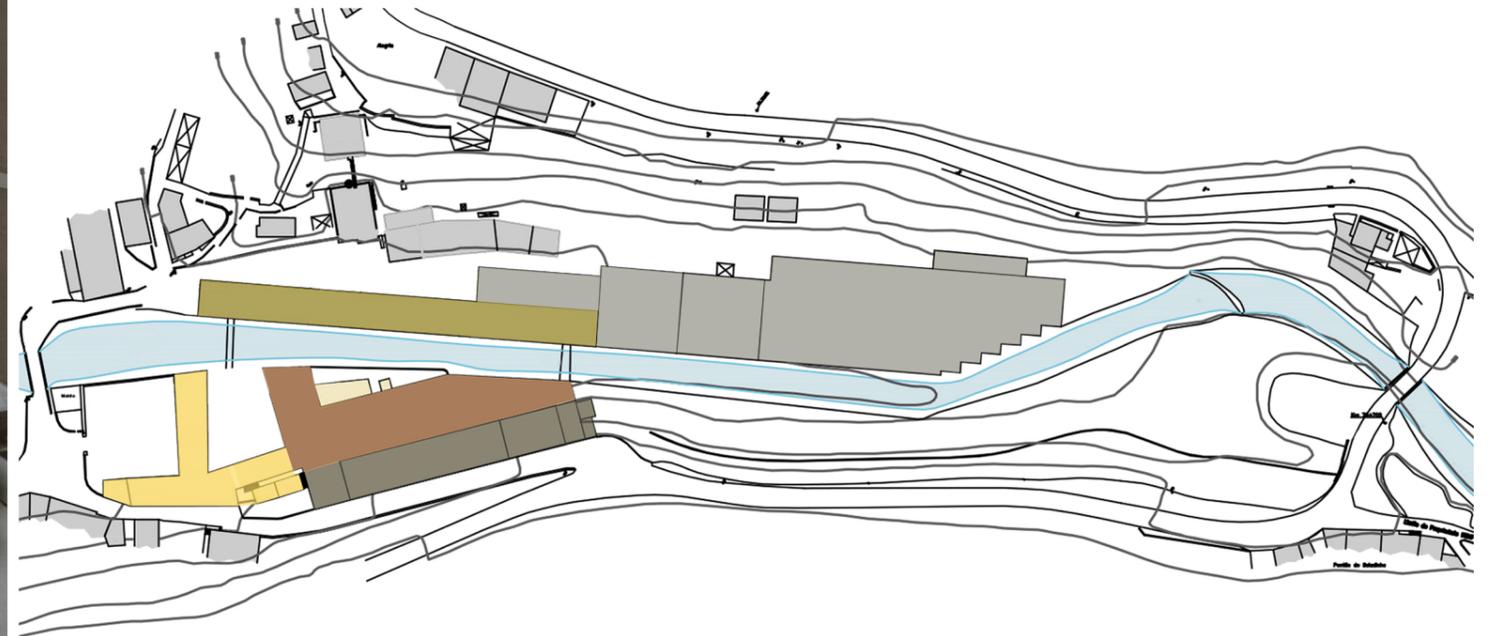


Fig. 50 - Maquete | Fotomontagem - Fases de Construção | Programa proposto

Planta de Implantação
Fases de Construção | Programa proposto

Proposta

A proposta de intervenção tem como objectivo a adaptação do edifício da antiga Fábrica de Papel de Góis ao novo programa, mantendo a memória do conjunto industrial, ressaltando, deste modo, a sua essência e não permitindo a descaracterização do mesmo.

A distribuição do programa é pensada a partir das evidentes fases de construção do edifício. Desta forma propõe-se, à adaptação do complexo da fábrica, um programa que inclui um Hotel de Montanha com Restaurante que serve o exterior, um Centro de Eventos com duas grandes salas, um Estacionamento coberto e um Estacionamento exterior.

Uma vez que a Fábrica se encontra abandonada, assim como a zona onde se insere, este programa pretende contribuir para a dinâmica turística, social e económica da localidade, tirando partido das potencialidades deste edifício, uma vez que em Góis não existe qualquer espaço com um programa desta natureza.

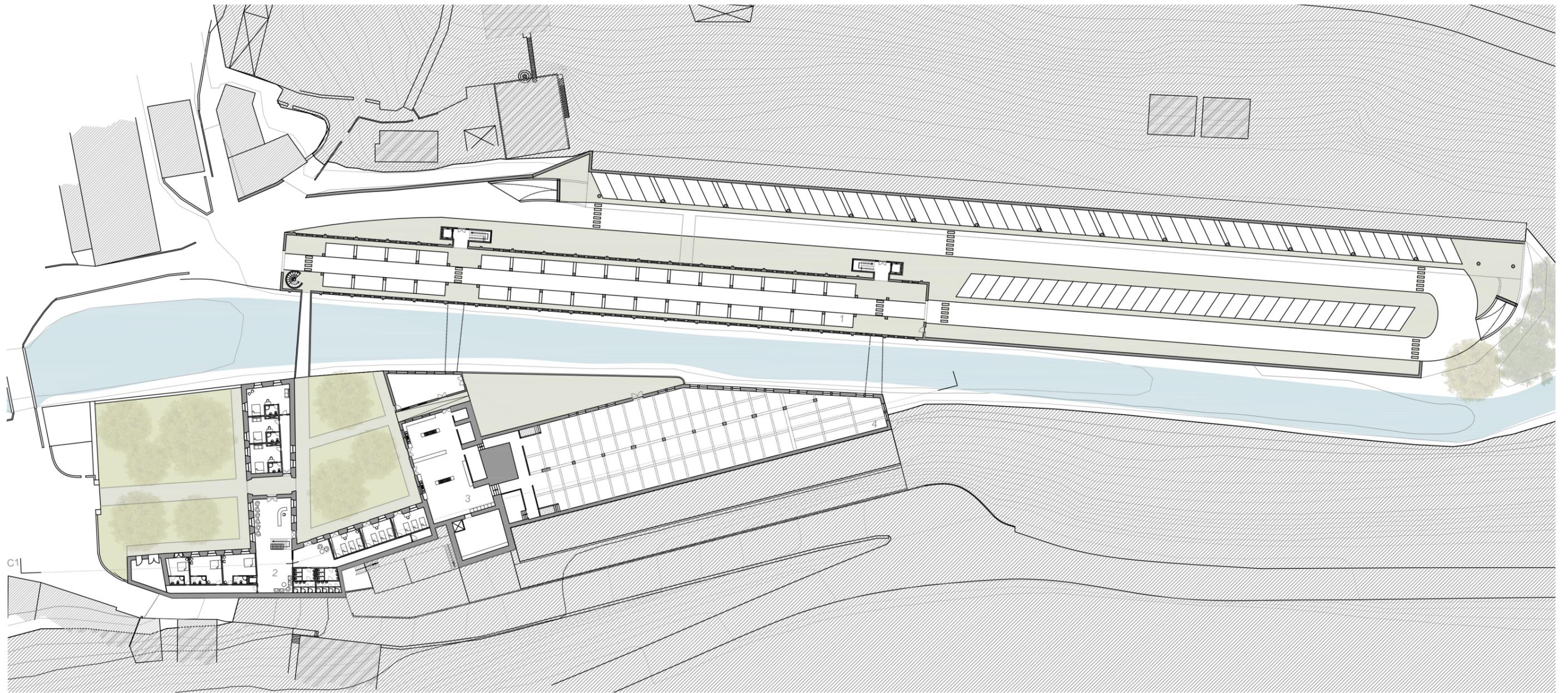
O interior do edifício será preservado nos espaços com maior interesse e potencial, tratando-se da grande maioria da fábrica. O edificado será reformulado ou demolido nas zonas menos interessantes, que, por si só, descaracterizam a fábrica antiga.



Fig. 51 - Fotografia actual | Antiga Fábrica de Papel de Góis. Inaugurada em 1821, fase de construção até 1912



Fig. 52 - Fotomontagem | Proposta: Restaurante, Hotel de Montanha



PLANTA piso 0 | esc 1:750

1 - Estacionamento 2 - Hotel de Montanha 3 - Cozinha 4 - Sala de Eventos 1



CORTE 1 | esc 1:750



Fig. 53 - Fotografia actual | Acrescento da Fábrica de Papel de Góis. Início da construção em 1954

Hotel de Montanha | Restaurante

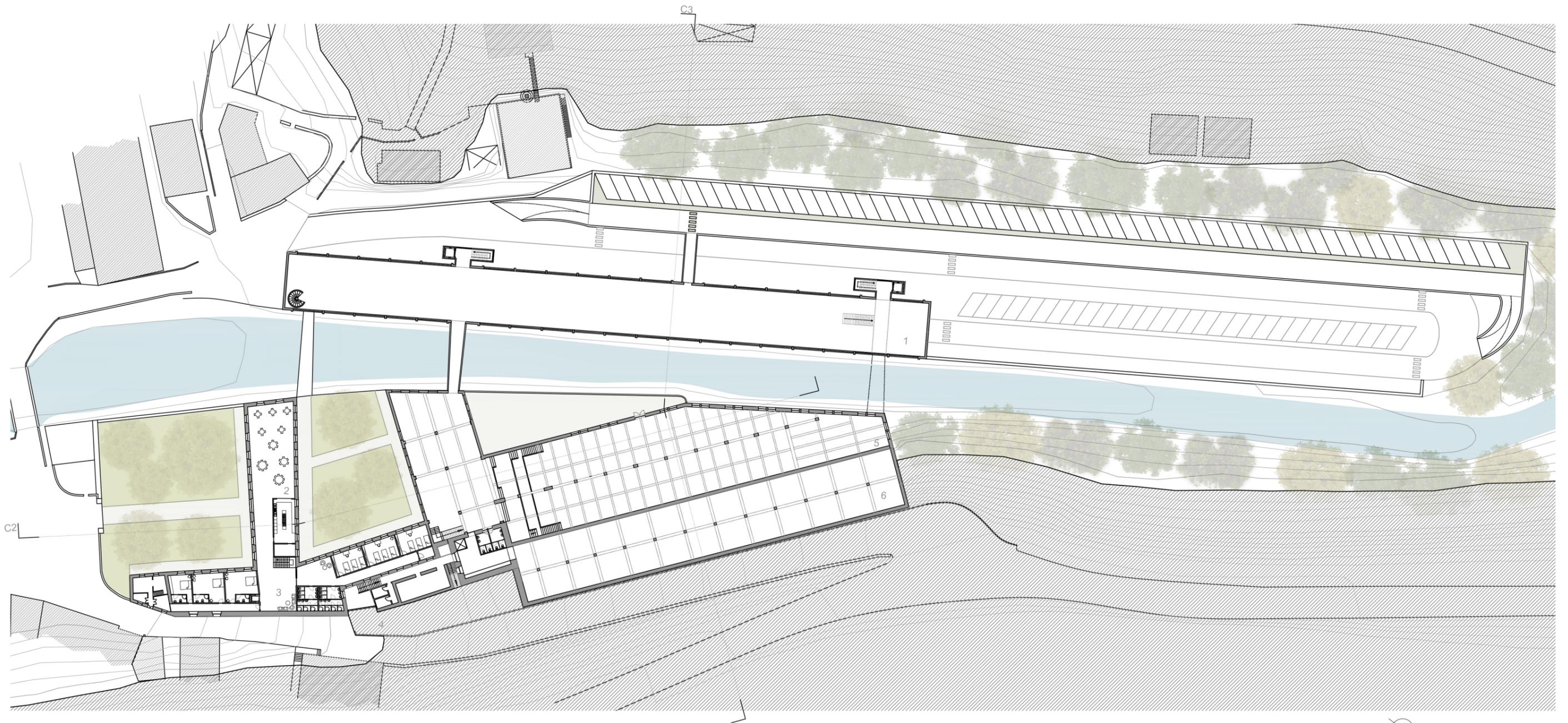
A distribuição do programa é pensado a partir das fases de construção do edifício. Assim é proposto, para o edifício original de 1821, fase de construção que se estende até 1912, tratando-se do edifício mais antigo do complexo industrial da Fábrica de Papel de Góis, um Hotel de Montanha com Restaurante que serve o exterior. Pretende-se manter, na sua essência, as características construtivas e espaciais, bem como o desenho das fachadas. O edifício possui espaços de grande interesse, sendo uma construção em alvenaria, com a cobertura em estrutura de madeira e telha cerâmica.

O Hotel de Montanha possui uma recepção que permite o acesso ao restaurante, sem intervir com a privacidade dos quartos de forma a permitir o acesso a clientes exteriores ao hotel. Dispõe assim de 9 quartos privados, com casas-de-banho próprias, e de 6 camaratas com casas-de-banho partilhadas.

O Hotel de Montanha beneficia de uma localização privilegiada, com vista sobre o rio e dispõe ainda de dois pátios, localizados entre os volumes do edificado, também voltados sobre o rio, que funcionam como espaços de estar exterior do Hotel.



Fig. 54 - Fotomontagem | Proposta: Centro de Eventos - Sala de eventos do piso térreo

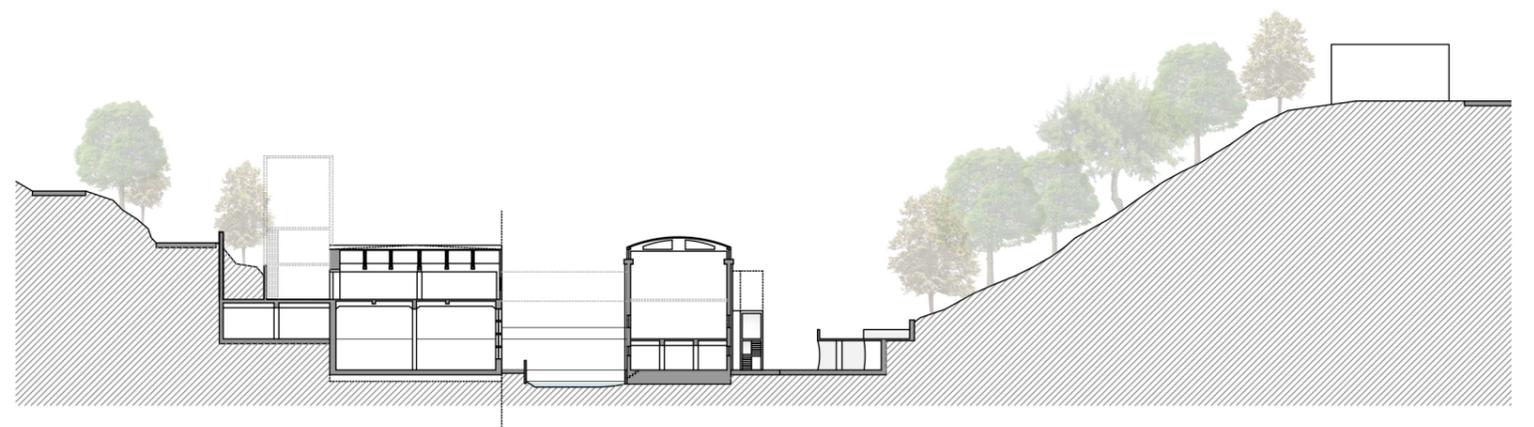


PLANTA piso 1 | esc 1:750

- 1 - Sala de Recepção 2 - Restaurante 3 - Hotel de Montanha 4 - Zona de Cargas e Descargas 5 - Sala de Eventos 1 6 - Armazém



CORTE 2 | esc 1:750



CORTE 3 | esc 1:750

Centro de Eventos

Para o edifício de uma segunda fase de construção da Fábrica, com início em 1954 e que termina aproximadamente no fim da década de 70, é proposto um Centro de Eventos. Neste novo edifício percebe-se uma construção moderna, com a utilização de materiais novos, como o betão, o ferro e uma maior área de envidraçados.

O Centro de Eventos é composto por duas grandes salas, a do piso térreo e a do piso superior, que podem funcionar com dois eventos em simultâneo ou para um único grande evento, havendo uma ligação entre os dois espaços.

Estes dois espaços, característicos da arquitectura industrial do século XX, apresentam um carácter versátil, com grande potencial para a adaptação a diversos fins.

As duas salas, a do piso térreo e a do piso superior, recorrem a serviços comuns como a cozinha, armazém e infraestruturas.

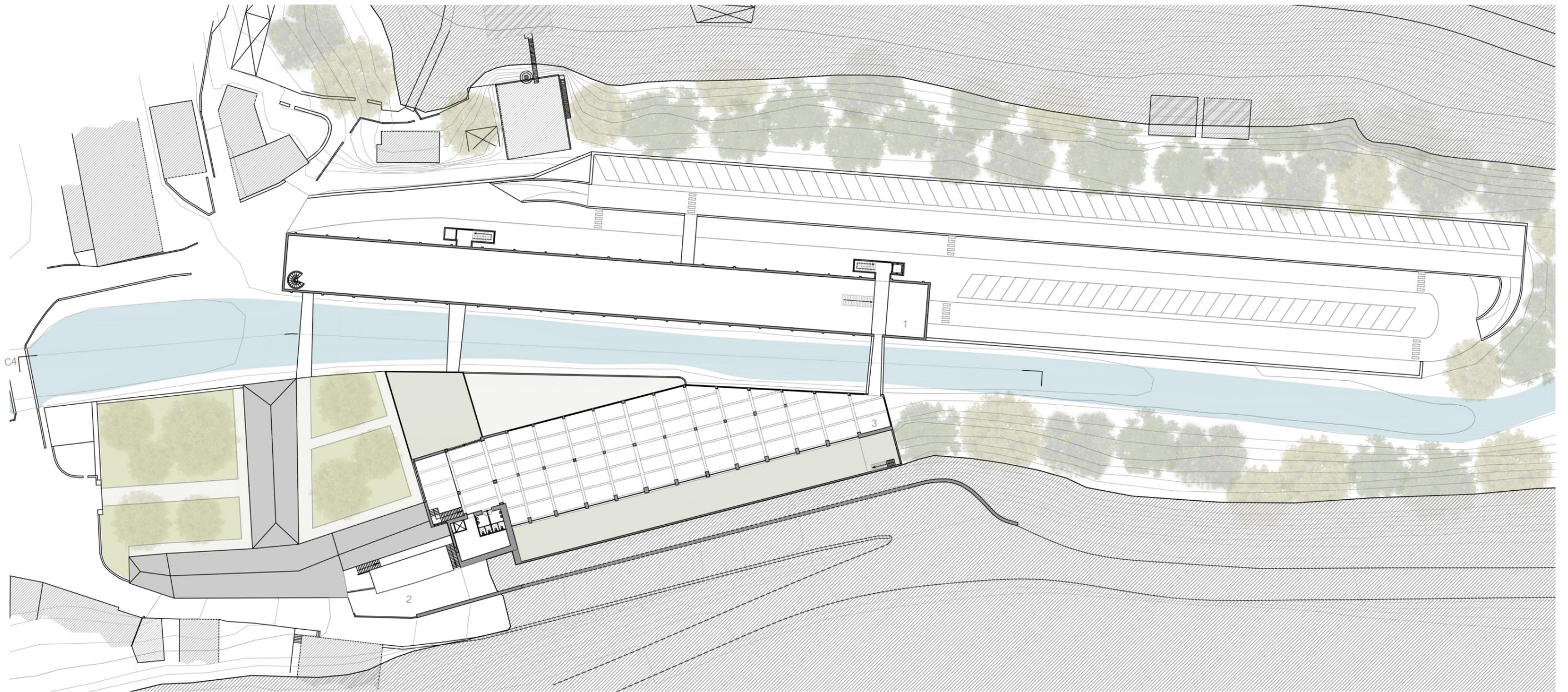
A primeira grande Sala de Eventos, proposta no piso térreo, é marcada pelo espaço ritmado da estrutura, tratando-se de um espaço amplo e de duplo pé direito, com grande interesse arquitectónico. Dispõe de grandes vãos laterais que oferecem a vista sobre o rio Sótão. Existe um terraço, entre o rio Sótão e a Sala de Eventos do piso térreo, oferecendo ao programa um espaço de estar exterior.



Fig. 55 - Fotografia actual | Acrescento da Fábrica de Papel de Góis. Início da construção em 1954

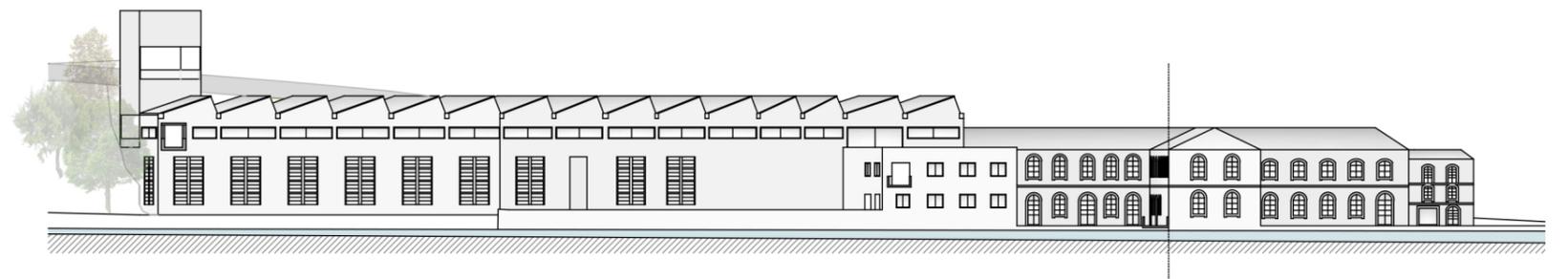


Fig. 56 - Fotomontagem | Proposta: Centro de Eventos - Sala de eventos do piso superior



PLANTA piso 2 | esc 1:750

1 - Sala de Recepção 2 - Zona de Cargas e Descargas 3 - Sala de Eventos 2



CORTE 4 | esc 1:750

Centro de Eventos

Ainda no edifício da mesma fase de construção, para a grande sala do piso superior propõe-se a adaptação à segunda Sala de Eventos. Esta sala apresenta um espaço amplo, com uma estrutura pensada para suportar os envidraçados da cobertura, oferecendo a esta sala uma notável iluminação. Dispõe também de vãos, que acompanham a sala na sua horizontalidade, com vista sobre o rio.

É proposta a demolição de parte do acréscimo feito entre os anos 60 e os anos 80, contíguo, a sul, à construção que alberga o Centro de Eventos, tratando-se de um volume de espaços estreitos e sem luz que serviam de armazéns de produto acabado. Desta forma é proposto manter o piso térreo, que servirá de armazém para o Centro de Eventos, e demolidos os restantes andares superiores. Este volume vertical trata-se de um edifício com pouco interesse arquitectónico e que pouco contribui para a identidade da antiga fábrica. A ausência dos andares superiores deste edifício fechado e com pouco interesse permitirá, a quem chegue à Ponte do Sótão, ou até mesmo a quem passe na estrada que liga Góis à Lousã, a percepção do conjunto construído da antiga Fábrica de Papel de Góis, bem como a sua inserção no vale, junto ao rio. Trata-se, assim, de uma barreira visual indesejada e pouco convidativa, que é eliminada.

A cobertura do armazém que se propõe manter servirá de terraço, oferecendo à Sala de Eventos do piso superior um espaço exterior.

É proposta uma torre a sul, ligada ao Centro de Eventos, de forma a marcar a presença do próprio complexo da antiga fábrica de papel e funcionando como miradouro. Esta torre permitirá também publicitar o Hotel de Montanha com Restaurante, assim como o Centro de Eventos fazendo a divulgação dos eventos a decorrer no espaço, uma vez que se situa junto à entrada para a povoação e é visível da estrada que liga Góis à Lousã.

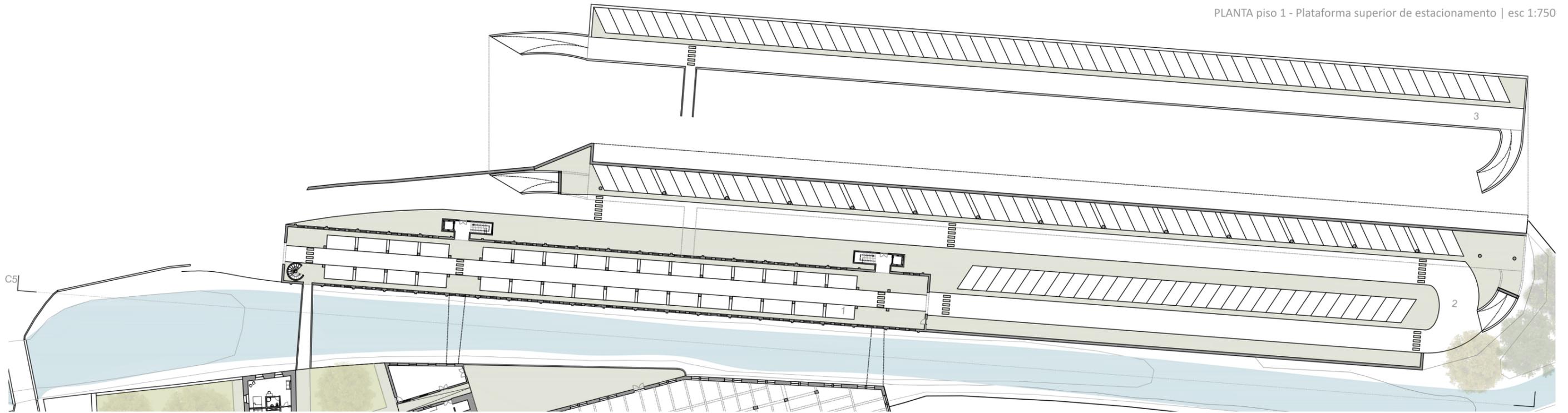


Fig. 57 - Fotografia actual | Acréscimo da Fábrica, margem direita do rio Sótão. Início da construção aproximadamente em 1970



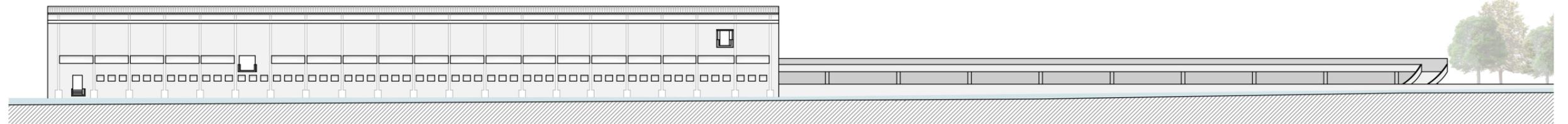
Fig. 58 - Fotomontagem | Proposta: Sala de Recepção, Estacionamento

PLANTA piso 1 - Plataforma superior de estacionamiento | esc 1:750



PLANTA piso 0 - Estacionamiento | esc 1:750

1 - Estacionamiento coberto 2 - Estacionamiento exterior 3 - Estacionamiento exterior (plataforma piso superior)



CORTE 5 | esc 1:750



Fig. 59 - Maquete de proposta | Fotomontagem



Fig. 60 - Maquete de proposta | Fotomontagem

Estacionamento | Sala de Recepção

Um novo edifício foi acrescentado ao complexo da Fábrica de Papel de Góis, nos anos 70, na margem direita do rio Sotão.

Este edifício trata-se de uma nave longitudinal, em betão e chapa metálica na cobertura. No piso térreo propõe-se um Estacionamento coberto, onde se verifica uma estrutura marcada, através de pilares, que definem os lugares de estacionamento. No piso superior propõe-se uma Sala de Recepção, de duplo pé direito, onde o espaço é amplo e livre de pilares, sendo um espaço marcado pela cobertura com estrutura metálica ritmada.

A Sala de Recepção recebe quem chega do Estacionamento coberto e do Estacionamento exterior e faz a distribuição para os diferentes espaços do programa, quer seja para as duas salas do Centro de Eventos ou para o Hotel de Montanha e Restaurante. Esta ligação, entre o volume da Sala de Recepção/Estacionamento Coberto e os restantes programas, faz-se através de pontes que atravessam o rio.

Propõe-se a demolição do outro edifício construído também na margem direita do rio Sótão, por volta de 1975. Trata-se de um volume cujo desproporcionado tamanho descaracteriza a antiga Fábrica e o próprio vale onde está inserido, um lugar sensível e delicado.

Na área libertada do vale propõe-se um Estacionamento exterior, referido anteriormente. É proposta uma nova plataforma de estacionamento, de forma a resolver a diferença de cotas junto à encosta, permitindo a existência de estacionamento coberto em baixo e ao ar livre na parte superior da mesma. A ligação do Estacionamento, na parte superior da plataforma, à grande Sala de Recepção é feita através de uma ponte. São também propostos dois volumes de escadas e elevador que marcam a entrada, fazendo a ligação entre o Estacionamento do piso térreo e a Sala de Recepção.

**4 JORNADA DEDICADA À PONTE DO SOTAM
E À INDÚSTRIA DO PAPEL**



Fig. 61 - Jornada "Ponte do Sotam e a Indústria do Papel" | Orador: Eng. João Nogueira Ramos



Fig. 62 - Jornada "Ponte do Sotam e a Indústria do Papel"
Orador: Eng. José Luis Nogueira



Fig. 63 - Jornada "Ponte do Sotam e a Indústria do Papel"
Oradora: Dra. Maria José Santos

No passado dia 13 de Junho de 2015, na Casa da Cultura de Góis, decorreu uma Jornada dedicada à Fábrica de Papel de Góis. Esta Jornada, intitulada por “Ponte do Sotam e a Indústria do Papel”, teve como principais objectivos a homenagem, por parte da Câmara Municipal de Góis, aos empreendedores e colaboradores da antiga Fábrica de Papel, recordar a história e a importância que esta unidade fabril teve para o desenvolvimento social e económico local, bem como, com a apresentação do meu trabalho, fazer uma sessão de sensibilização para a reabilitação do espaço do complexo fabril e a sua apropriação para uma nova função.

A Jornada teve início com a intervenção do Eng. João Nogueira Ramos, o principal impulsionador deste evento, com o tema “A persistência da memória”, onde apresentou, resumidamente, a história, os empreendedores, os trabalhadores e os avanços e recuos da empresa nos 171 anos de vida da Fábrica de Papel de Góis. Neste dia lançou também o seu livro “Indústria do Papel em Ponte do Sotam, Contribuição para o seu conhecimento”, que pretende preservar a memória, proporcionando um documento escrito sobre a história da indústria do papel em Góis.

Seguiu-se a intervenção do Eng. José Luís Nogueira com o tema “Testemunhos da história para que a memória não se apague”, onde recordou também a história da antiga Fábrica de Papel de Góis mostrando igualmente a preocupação em preservar a memória daquele que foi o empreendimento com maior importância para o desenvolvimento da zona, bem como a preocupação pelo actual abandono do complexo fabril.

A Dr.^a Maria José Santos interveio posteriormente com o tema “Do moinho à fábrica: a arte de fazer papel”. Apresentou as diversas e complexas técnicas da arte de fazer papel, mostrando a evolução da indústria, desde os rudimentares moinhos de papel até às máquinas de formação contínua, apresentando em particular o caso do Museu do Papel de Santa Maria da Feira.



Fig. 64 - Jornada "Ponte do Sotam e a Indústria do Papel"
Oradora: Andreia Agostinho Barata

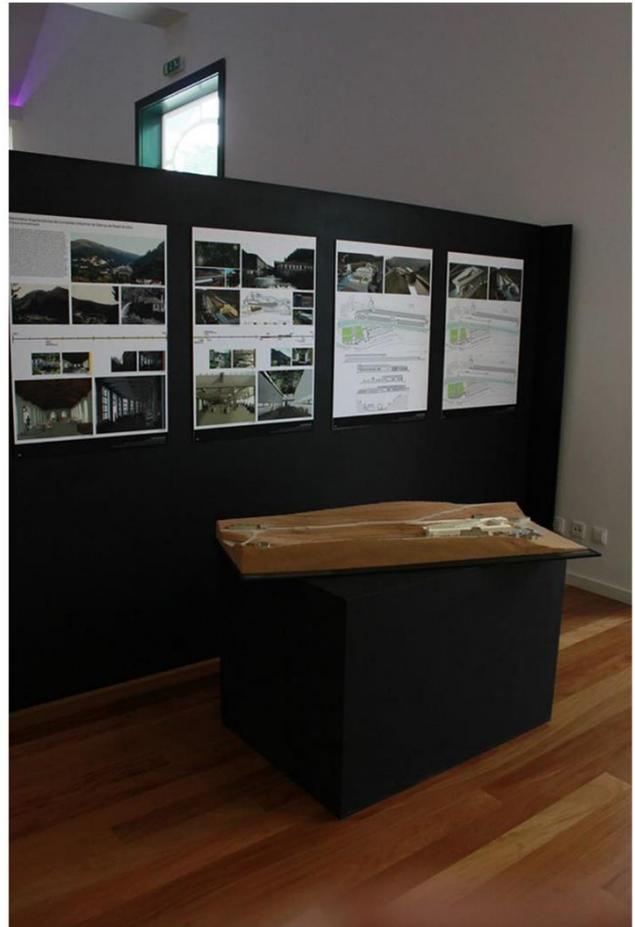


Fig. 65 - Exposição dedicada à Fábrica de Papel de Góis

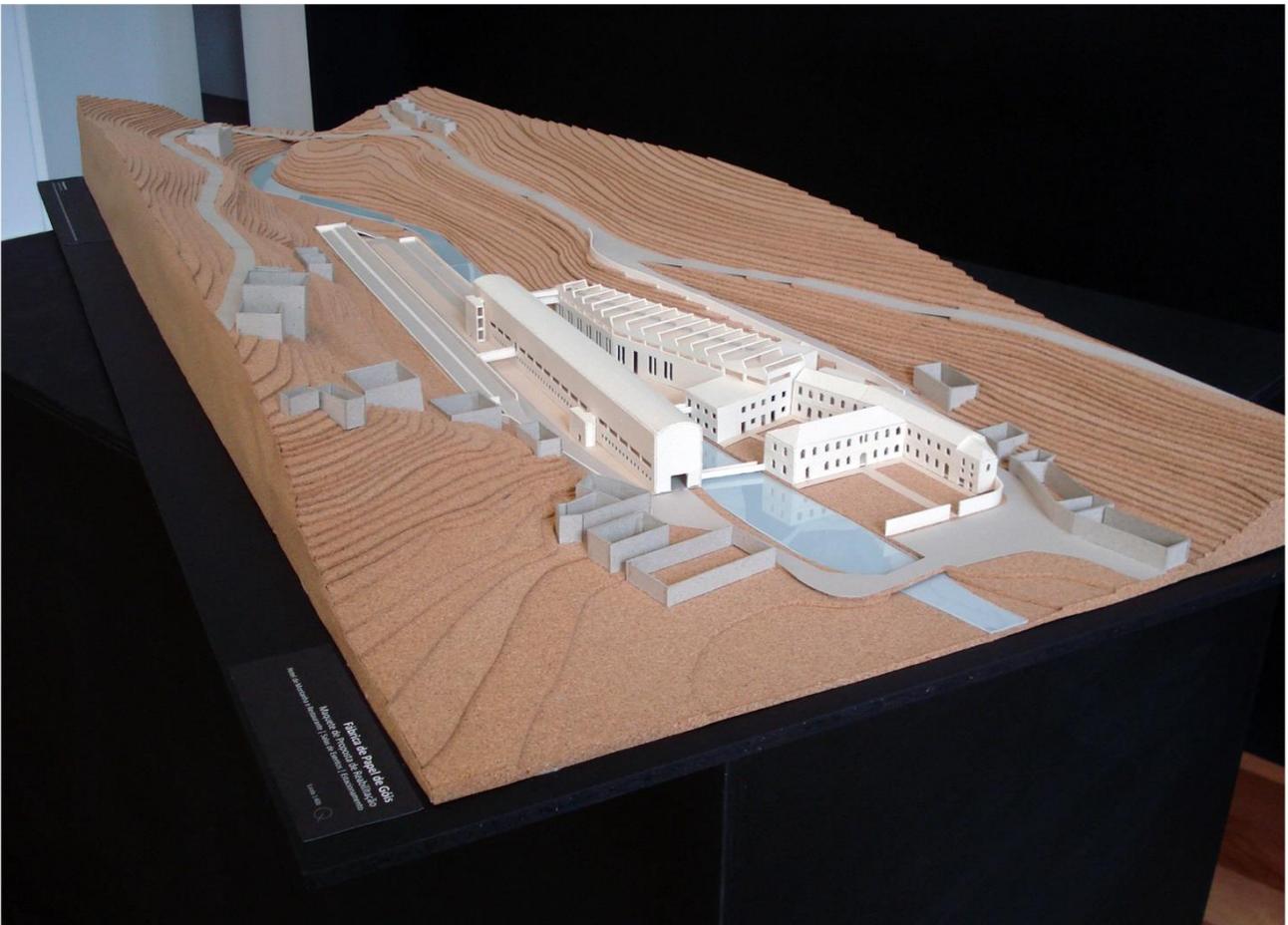


Fig. 66 - Exposição dedicada à Fábrica de Papel de Góis | Maquete de proposta de reabilitação

Por último apresentei o meu trabalho com o tema “Património arquitetónico do complexo industrial da Fábrica de Papel de Góis, projeto de reabilitação”. Desta forma foi apresentado o projecto de proposta para a reabilitação do complexo da Fábrica de Papel de Góis, referindo a importância da reflexão sobre o rumo a dar ao conjunto construído da fábrica, tendo em conta a sua importância para o concelho e para os habitantes, uma vez que foi a maior indústria do concelho, responsável pelo desenvolvimento económico e social da zona.

Neste dia inaugurou-se também, no átrio da Casa da Cultura de Góis, a exposição temporária, igualmente dedicada à Fábrica de Papel de Góis, onde esteve presente o meu trabalho com quatro painéis e uma maquete, representando o projecto de proposta para a reabilitação do complexo fabril.

A Jornada seguiu com a homenagem, por parte da Câmara Municipal de Góis, a Álvaro Antunes e a Maria Adelina Carvalho, dois antigos trabalhadores da empresa, terminando com o discurso da Presidente da Câmara Municipal de Góis, Dr.^a Maria de Lurdes Castanheira, que demonstrou o seu interesse pelo projecto e referiu a importância da recuperação do complexo fabril. Confirmou que a autarquia está disposta a envolver-se e mostrou a sua disponibilidade para uma eventual negociação para a aquisição do imóvel, que de momento é propriedade de um particular.



Fig. 67 - Exposição dedicada à Fábrica de Papel de Góis



Fig. 68 - Exposição dedicada à Fábrica de Papel de Góis

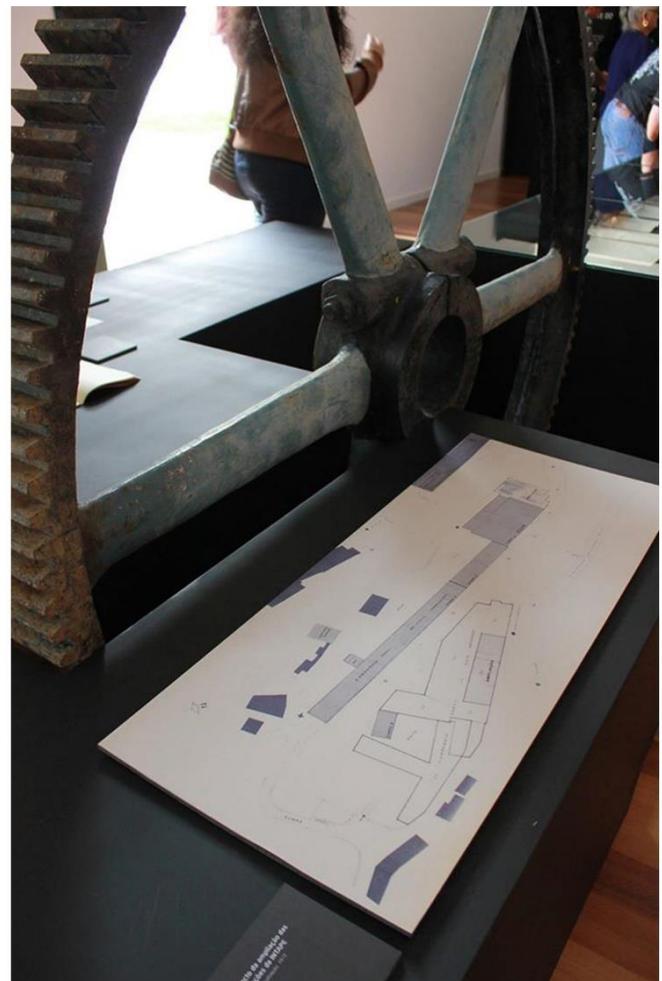


Fig. 69 - Exposição dedicada à Fábrica de Papel de Góis

Homenagem do Município à Povoação de Ponte do Sótão Fábrica de Papel - 171 Anos de História

"Dom Luís da Silveira teve um papel importante na História de Góis. Mas o papel mais importante foi o próprio papel da Companhia de Papel de Góis." José Hermano Saraiva, em "Horizontes da Memória"

"Ponte do Sotam e a Indústria do Papel" foi o tema escolhido para a jornada que encheu o auditório da Casa da Cultura de Góis, no passado dia 13 de junho. Por iniciativa do Eng. Nogueira Ramos, acolhida, desde a primeira hora pela Câmara Municipal de Góis, esta jornada pretendeu ser uma homenagem à povoação de Ponte do Sótão e a todos os empreendedores e colaboradores do complexo fabril, bem como, uma sessão de sensibilização para uma futura utilização do espaço.

Neste dia, para além das intervenções temáticas, que tão bem demonstraram a importância que a Fábrica de Papel de Ponte do Sótão teve não só para o concelho, mas para a região e até para o país, foi também apresentado um projeto, que permitiria reaproveitar o espaço tornando-o numa mais valia para o turismo.

O projeto, desenvolvido e apresentado pela goiense Andreia Agostinho Barata, no âmbito do seu Mestrado em Arquitetura, visa a reabilitação do complexo da antiga fábrica, de forma a promover a dinâmica da zona, oferecendo um programa inexistente em Góis, conforme referiu.

O município de Góis apresentou ainda uma nova ferramenta de promoção turística: um Passaporte Património do Concelho. Com o objetivo maior de incentivar e intensificar a visita ao território, com destaque para elementos patrimoniais de cada uma das suas quatro freguesias: Alvares, Góis, Cadafaz e Colmeal, Vila Nova do Ceira. Com um cariz lúdico-pedagógico, que se materializa na imitação de um passaporte destinando-se à promoção de visitas autónomas a elementos patrimoniais do Concelho de Góis.

O momento alto e inesquecível do seminário, dada a sua carga emotiva, foi a hora em que o município homenageou Maria Adelina Carvalho (pelo exemplo que foi enquanto trabalhou na fábrica apesar da sua limitação visual) e Álvaro Antunes (o mais antigo funcionário ainda vivo), como forma de reconhecer todos os empreendedores e colaboradores desta fábrica de papel.

A Jornada iniciou com intervenção do Eng.º João Nogueira Ramos, que foi administrador da INTAPE – Indústria Transformadora de Papéis de Góis, Técnico da Companhia de Papel de Góis, vereador da Câmara Municipal de Góis e dedicado goiense com intervenção ativa em diversas atividades e instituições da região.

Recordando os tempos áureos e as consecutivas crises da indústria de papel em Ponte do Sótão, João Nogueira Ramos sintetizou, cronologicamente os 171 anos de história desta indústria, lembrando os principais empresários que passaram por este empreendimento e as muitas centenas de trabalhadores que, ao longo de diversas gerações deram o melhor do seu esforço e saber.

Durante a sua dissertação, João Nogueira Ramos fez também referência a um quadro de Salvador Dalí, pintado em 1931, que, segundo este, "espelha a história da empresa até aquela data."

Contribuindo para o conhecimento de uma história que não deve apagar-se e com o propósito de trazer à memória a povoação de Ponte do Sótão e a sua comunidade, o orador apresentou ainda um livro de sua autoria, que, pelo seu conteúdo, engrandece os conhecimentos de qualquer goiense ou não goiense que se predisponha a lê-lo, conforme divulgação a publicar na próxima edição.

José Luís Campos Nogueira, natural de Góis, licenciado em Gestão e Engenharia Eletrotécnica e que ocupou o lugar de diretor da divisão de eletridade e telecomunicações na Companhia de Papel de Góis e INTAPE, à semelhança do anterior orador, também recorreu a história de um empreendimento que foi motor no desenvolvimento de uma região e terminou apresentando um filme, com imagens atuais do empreendimento, alertando para o silêncio ensurdecedor que se faz sentir num local ainda com um futuro por adivinhar.

Maria José Ferreira dos Santos, expert na arte de fazer papel e com relevantes conhecimentos na vertente museológica ligada a este tema, também deu a sua contribuição durante a jornada, demonstrando o percurso de fabrico, desde os primeiros moinhos de papel até à evoluída indústria.

A presidente da Câmara Municipal de Góis, Dr.ª Maria de Lurdes Castanheira enalteceu as qualidades da jornada, fazendo referência à importância que teve a indústria de papel na Ponte do Sótão, enaltecendo todos quantos empreenderam e colaboraram

Organizada pela Cooperativa Social e Agro Florestal de Vila Nova do Ceira Feira de Produtos Tradicionais Voltou a Ser um Sucesso

À semelhança dos anos anteriores, a Cooperativa Social e Agro Florestal de Vila Nova do Ceira voltou a organizar a Feira de Produtos Tradicionais-Feira de Agro Turismo, um certame, que decorreu na Quinta da Costeira, entre os dias 27 e 29 de junho.

Com um diversificado programa, o certame contou também com as III Jornadas-Agro Turismo, animação musical, uma caminhada sustentável, um Passeio de Cicloturismo BTT e aula de Zumba.

Outro ponto alto do fim de semana foi a inauguração da Capela da Costeira/Espaço Multiusos e mantendo a tradição, o Largo da Igreja voltou a ser palco de muita animação na noite de S. Pedro, com desfile da Marcha de Vila Nova do Ceira.

Veja como tudo decorreu na próxima edição

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA DE VILA NOVA DO CEIRA

FILVARZEENSE



Iniciativa pretendeu ser uma homenagem ao povo de Ponte do Sótão e à sua fábrica



Jornada iniciou com intervenção do Eng.º João Nogueira Ramos



José Luís Campos Nogueira recordou a história de um empreendimento que foi motor no desenvolvimento de uma região



Andreia Barata apresentou projeto para reabilitação do complexo fabril



Município homenageou Álvaro Antunes (o mais antigo funcionário ainda vivo)



Município homenageou Maria Adelina Carvalho (pelo seu exemplo na fábrica, apesar da sua limitação visual)

no seu desenvolvimento, ainda com elogiosas palavras para os homenageados Maria Adelina Carvalho e Álvaro Antunes.

Para a edil é impossível não reagir ao toque da sirene, que todos os dias "despertava" para o trabalho nesta fábrica, transformado agora em silêncio.

Lurdes Castanheira considerou de extrema importância o reaproveitamento do complexo desta fábrica e assegurou que a autarquia está disposta a envolver-se, todavia, está consciente que o espaço não é da Câmara Municipal, se bem que esta está disponível para uma eventual negociação.

A autarca enalteceu ainda o grande valor da exposição, patente no átrio da Casa da Cultura, alusiva à Fábrica de Papel de Ponte Sótão e agradeceu à Associação de Melhoramentos e Assistência de Ponte do Sótão e Casa do Povo de Ponte Sótão por também se terem associado à iniciativa.

Recorde-se que a fundação da indústria de papel em Góis remonta ao ano de 1821 e, ao longo dos seus 171 anos, teve um papel relevante no Concelho. Os seus empreendedores, em conjunto com muitas centenas de operários e demais colaboradores, abrangendo várias gerações, contribuíram de um modo significativo para a criação de postos de trabalho e para a riqueza gerada no concelho.

A Companhia de Papel de Góis, em Ponte do Sótão, representa um importante testemunho para a história da indústria de papel em Portugal e um marco da atividade industrial de grande relevância para o Concelho de Góis.



Com a presença de Associação Folclórica Buxos Verdes (Grupo de Orosoro), Concerto Zé Perdígão (largo Francisco Inácio Dias Nogueira), ensemble Filarmónica de Góis (AERG) e Filarmónica Varzeense (FILVAR) (Praia Fluvial da Peneda) e mais outras surpresas.

A exposição Coletiva GóisOrosoroArte 2015 decorre de 11 a 26 de julho nas Galerias da Casa do Artista.



CONCLUSÃO

Após a conclusão da presente dissertação, creio que foram cumpridos os objectivos propostos numa fase inicial do trabalho, tendo como principal objectivo a elaboração de uma proposta de reabilitação e adaptação a um novo programa do complexo industrial da Fábrica de Papel de Góis.

Desta forma foi criada uma base de conhecimento histórico e espacial acerca da Fábrica de Papel de Góis, fazendo o contexto ao nível da sua localização, percebendo também a sua importância para a economia local, bem como o seu contributo na indústria papeleira.

Foram estudados alguns projectos de reabilitação de espaços industriais, apropriados para uma nova função, de forma a fazer um paralelo com o caso da Fábrica de Papel de Góis. Este tipo de intervenção surge como uma possibilidade de reintegração destes testemunhos industriais na vida contemporânea, tratando-se muitas vezes de edifícios com um grande valor histórico, cultural, social e arquitectónico. Esta investigação permitiu contribuir para que existisse uma perspectiva geral e um conhecimento mais aprofundado do caso de estudo principal.

Após uma análise às potencialidades e fragilidades do edifício da Fábrica de Papel de Góis, ao nível da sua localização, da sua construção, bem como dos seus espaços, obteve-se uma base de informação que permitiu perceber qual a opção de adaptação a um novo programa mais adequada, preservando o valor do edifício original para que a intervenção não o descaracterize. Desta forma foi definido um programa adequado que permite a reabilitação da Fábrica, tendo em conta a sua dimensão, assim como as condicionantes e potencialidades do local. O programa é pensado através das diferentes fases de construção, propondo-se um Hotel de Montanha com Restaurante que serve o exterior, um Centro de Eventos, com duas grandes salas, um Estacionamento Coberto e um Estacionamento Exterior.

Para o suporte da representação do projecto foram produzidos alguns elementos gráficos. Assim foram adaptadas as plantas para a proposta de reabilitação do complexo da Fábrica de Papel de Góis e produzidos cortes, inexistentes até à data, tratando-se de um elemento fundamental para a compreensão do espaço. Foi também produzida uma maquete de proposta, bem como fotomontagens representativas da proposta feita para os diversos espaços do programa.

É importante referir que é fundamental fazer-se uma análise e uma avaliação caso a caso dos diversos edifícios industriais devolutos existentes. Estes edifícios, com grande potencial e versatilidade para a adaptação a um novo uso, através da sua reabilitação, correm o risco de se perder caso não seja tomada uma atitude em relação ao seu futuro. Estes testemunhos industriais, uma vez abandonados, podem conceder, ao local onde estão inseridos, uma imagem nefasta, potenciando a vandalização dos espaços, a falta de manutenção e o consecutivo afastamento dos habitantes do local, levando ao abandono total. Pelo contrário, as fábricas identificadas, analisadas e reabilitadas, contribuem não só para o beneficiamento da zona, com uma imagem melhorada, como também contribuem para a dinamização social e económica da zona onde se inserem, reflectindo os benefícios e vantagens da reabilitação destes espaços.

Para que este processo seja possível é importante contar com o trabalho de diversas áreas de estudo, tendo como objectivo o estudo e salvaguarda do património. Neste procedimento o trabalho do arquitecto é determinante, detendo capacidades de trabalho e procedimentos que permitem inverter a situação de degradação destes edifícios industriais.

O principal intuito deste trabalho passa pela sensibilização destas questões no geral, mas em particular no caso da Fábrica de Papel de Góis, apresentando um possível novo rumo a dar ao complexo fabril, através do projecto de proposta para a sua reabilitação. Considero importante usar, dentro do possível, os volumes edificados existentes, procurando manter a identidade do edifício sem que haja uma descaracterização do mesmo.

Neste trabalho fica exposto um conjunto de informações relevantes em relação à Fábrica de Papel de Góis. Considero muito importante este registo em relação aos mais diversos casos de património industrial existente, de forma a sintetizar o percurso e características de cada um dos casos uma vez que, na sua maioria, incluindo o caso de Góis, existe uma grande deficiência de informação.

Este registo de informações, relativas ao complexo industrial da Fábrica de Papel de Góis, permite não só traçar o seu percurso arquitectónico, demonstrando-se uma mais valia no que diz respeito à preservação da sua memória, como também, em conjunto com a proposta de reabilitação apresentada, funcionar como uma ferramenta base de trabalho para uma eventual futura intervenção.

Neste trabalho fica então o registo de um projecto de reabilitação da Fábrica de Papel de Góis, como uma proposta concreta para a adaptação do edifício a um novo uso, revelando ser uma mais valia para a localidade de Ponte do Sótão, possibilitando uma melhoria na dinâmica social, económica e turística da zona.

A apresentação deste trabalho, feita ao público na Jornada dedicada à Ponte do Sótão e à Indústria do Papel, realizada no passado dia 13 de Junho de 2015 em Góis, com o contributo dos restantes oradores, possibilitou que fossem levadas mais longe estas questões sobre o nosso património, relembrando a importância que a Fábrica da Ponte do Sótão teve para os habitantes, para o concelho de Góis e o seu impacto ao nível da indústria nacional papeleira. Foi, desta forma, transmitida a importância e a necessidade de se tomar uma atitude em relação ao património construído da Fábrica, sensibilizando para a possibilidade de apropriação do edifício a uma nova função.

Esta exposição, e toda a informação levada a público, é já um importante avanço no que diz respeito à sensibilização deste tema, tratando-se de um dos objectivos principais deste trabalho. A ideia de reabilitação do complexo da Fábrica de Papel de Góis despertou o interesse por parte da autarquia. A Presidente da Câmara Municipal de Góis demonstrou-se disposta a envolver-se, mostrando disponibilidade para tentar uma negociação, com o actual proprietário, para a aquisição do conjunto construído da Fábrica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAVV. (2009). *Moinho do Papel*. Leiria: Câmara Municipal de Leiria

Aguiar, Álvaro e Martins, Manuel. (2004). *O crescimento da produtividade da indústria portuguesa no século XX*. Investigação, Faculdade de Economia – Universidade do Porto, Portugal

Almeida, António. (2015, 30 de Junho). Homenagem do Município à Povoação de Ponte do Sótão, Fábrica de Papel – 171 Anos de História. *O Varzeense*, pág. 20.

Bandeira, Ana. (1995). *Pergaminho e Papel em Portugal*. Lisboa: CELPA, Associação da Indústria Papeleira

Campos, Maria. (2009). “A fábrica de papel da Lousã e o processo de industrialização em Portugal”. *Revista da Faculdade de Letras*, 10: Porto, p. 145-150

Campos, Mariana. (2014). *Baixa crúzia, Contribuição para a reabilitação de uma área na baixa de Coimbra*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade de Coimbra, Portugal

Correia, Telma. (2009). *A família Azevedo Aguiar Brandão e a indústria do papel (séculos XIX e XX)*. Dissertação de Mestrado em história e Património – Ramo Arquivos Históricos, Faculdade de Letras – Universidade do Porto, Portugal

Fernandes, João. (2013). *Manual de Reabilitação, um instrumento de salvaguarda do património urbano, Uma proposta para Sines*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade de Coimbra, Portugal

Ferreira, João. (2014). *A casa para uma cidade intensa, Tipologia portuense na forma da cidade*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade de Coimbra, Portugal

García Braña, Celestino; Landrove, Susana; Tostões, Ana (eds.). (2005). *A arquitectura da indústria, 1925-1965, Registo Docomomo Ibérico*. Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico

Martins, Luísa. (2009). *O loft (n) o património industrial (d) a cidade, A reconversão em habitação no centro urbano*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade de Coimbra, Portugal

Martins, Luís. (2010). *Rota do papel do vale do Ceira e serra da Lousã, A fábrica de papel do Boque*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade de Coimbra, Portugal

Mendes, J. Amado. (2009). *Estudos do Património, Museus e educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra

Ramos, João. (2014). *Góis, Em redor de 12 pessoas (1114, 2014)*. Góis: Câmara Municipal de Góis

Ramos, João. (2015). *A indústria do papel em Ponte do Sotam, Contribuição para o seu conhecimento*. Góis: edição do autor

Serrano, Ana. (2010). *Reconversão de espaços industriais, Três projectos de intervenção em Portugal*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Instituto Superior Técnico – Universidade Técnica de Lisboa, Portugal

Trindade, Mafalda. (2010). *Reabilitar para habitar*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Instituto Superior Técnico – Universidade Técnica de Lisboa, Portugal

On-Line

<http://www.museudopapel.org/>

<http://www.lacatonvassal.com/index.php?idp=20#>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Palais_de_Tokyo

<https://umbrasileironaespanha.wordpress.com/2013/09/27/o-matadouro-de-madrid/>

http://fugas.publico.pt/Viagens/276783_madrid-a-cidade-que-se-reinventa-pela-cultura?pagina=3

FONTES DE IMAGENS

Fig. 1 – Fotografia da autora

Fig. 2 – Fotografia cedida pelo Eng. João Nogueira Ramos

Fig. 3 – <http://www.cm-leiria.pt/pages/311>, consultado em 05/07/2015

Fig. 4 – <http://www.netviagens.com/duccitania-design-hotel-penela-package-romantico>, consultado em 05/07/2015

Fig. 5 – https://pt.wikipedia.org/wiki/Palais_de_Tokyo#/media/File:Palais_de_Tokyo.jpg, consultado em 06/07/2015

Fig. 6 – Fotografia da autora

Fig. 7 – Fotomontagem a partir de fotografia da autora

Fig. 8 – Martins, Luís. (2010). *Rota do papel do vale do Ceira e serra da Lousã, A fábrica de papel do Boque*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade de Coimbra, Portugal, pág. 22, fotografia “Balfer”

Fig. 9 – Martins, Luís. (2010). *Rota do papel do vale do Ceira e serra da Lousã, A fábrica de papel do Boque*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade de Coimbra, Portugal, pág. 40, fotografia “Balfer”

Fig. 10 – Digitalização de cartões de visita da Companhia de Papel de Góis

Fig 11 – Martins, Luís. (2010). *Rota do papel do vale do Ceira e serra da Lousã, A fábrica de papel do Boque*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade de Coimbra, Portugal, pág. 41, fotografia “Balfer”

Fig. 12 – Imagem retirada de vídeo antigo (de aproximadamente meio do séc. XX), cedido pelo Eng. João Nogueira Ramos

Fig. 13 – Imagem retirada de vídeo antigo (de aproximadamente meio do séc. XX), cedido pelo Eng. João Nogueira Ramos

Fig. 14 – Imagem retirada de vídeo antigo (de aproximadamente meio do séc. XX), cedido pelo Eng. João Nogueira Ramos

Fig. 15 – Imagem retirada de vídeo antigo (de aproximadamente meio do séc. XX), cedido pelo Eng. João Nogueira Ramos

Fig. 16 – Imagem retirada de vídeo antigo (de aproximadamente meio do séc. XX), cedido pelo Eng. João Nogueira Ramos

Fig. 17 – Imagem retirada de vídeo antigo (de aproximadamente meio do séc. XX), cedido pelo Eng. João Nogueira Ramos

Fig. 18 – Imagem retirada de vídeo antigo (de aproximadamente meio do séc. XX), cedido pelo Eng. João Nogueira Ramos

Fig. 19 – Imagem retirada de vídeo antigo (de aproximadamente meio do séc. XX), cedido pelo Eng. João Nogueira Ramos

Fig. 20 – Imagem retirada de vídeo antigo (de aproximadamente meio do séc. XX), cedido pelo Eng. João Nogueira Ramos

Fig. 21 – <http://3.bp.blogspot.com/-JKoxLVvvsdY/UciKLGuUPII/AAAAAAAAE9g/UzFBS3TnXil/s1600/1.jpg>, consultado em 10/07/2015

Fig. 22 – Fotomontagem a partir de ortofotomapa retirado do Google Maps

Fig. 23 – Fotografia da autora

Fig. 24 – Fotografias da autora

Fig. 25 – Fotografia da autora

Fig. 26 – Fotografia da autora

Fig. 27 – Fotografias da autora

Fig. 28 – Fotografias da autora

Fig. 29 – Fotografia da autora

Fig. 30 – Fotografia da autora

Fig. 31 – Fotografia da autora

Fig. 32 – Fotografia da autora

Fig. 33 – Fotografia da autora

Fig. 34 – AAVV. (2009). *Moinho do Papel*. Leiria: Câmara Municipal de Leiria, pág. 45

Fig. 35 – AAVV. (2009). *Moinho do Papel*. Leiria: Câmara Municipal de Leiria, pág. 61

Fig. 36 – http://www.cm-leiria.pt/frontoffice/pages/617?news_id=1753, consultado em 11/07/2015

Fig. 37 – http://www.museudopapel.org/multimedia/Image/01_O%20museu/omuseu_1.jpg, consultado em 11/07/2015

Fig. 38 – <http://www.museudopapel.org/pagina,16,16.aspx>, consultado em 11/07/2015

Fig. 39 – Martins, Luís. (2010). *Rota do papel do vale do Ceira e serra da Lousã, A fábrica de papel do Boque*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade de Coimbra, Portugal, pág. 32

Fig. 40 – http://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g3507655-d3504622-i113967245-HD_Duecitania_Design_Hotel-Penela_Coimbra_District_Central_Portugal.html, consultado em 11/07/2015

Fig. 41 –
https://www.google.pt/search?newwindow=1&biw=1366&bih=599&tbm=isch&sa=1&q=pousada+do+freixo&oq=pousada+do+freixo&gs_l=img.3..0l4j0i8i30j0i24l5.3970307.3976194.0.3976520.19.16.1.2.2.0.186.2174.0j15.15.0...0...1c.1.64.img..1.18.2187.YLCnbMvo8wl#imgrc=Wrs2cbGyTygTXM%3A, consultado em 11/07/2015

Fig. 42 –
[https://en.wikipedia.org/wiki/Matadero_Madrid#/media/File:Casa_del_Lector_\(Matadero_Madrid\)_-_diciembre_2012_14.JPG](https://en.wikipedia.org/wiki/Matadero_Madrid#/media/File:Casa_del_Lector_(Matadero_Madrid)_-_diciembre_2012_14.JPG), consultado em 11/07/2015

Fig. 43 – [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nave_16.3_Matadero_Madrid_\(4\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nave_16.3_Matadero_Madrid_(4).jpg), consultado em 11/07/2015

Fig. 44 – <http://www.bdonline.co.uk/rcka%E2%80%99s-inspiration-the-palais-de-tokyo-by-lacaton-and-vassal/5066291.article>, consultado em 05/07/2015

Fig. 45 – <http://www.palaisdetokyo.com/en/general-informations/palais-de-tokyo>, consultado em 11/07/2015

Fig. 46 –
https://pt.wikipedia.org/wiki/Palais_de_Tokyo#/media/File:Palais_de_Tokyo_Site_de_cr%C3%A9ation_contemporaine_2.jpg, consultado em 11/07/2015

Fig. 47 – Fotomontagem a partir de fotografia e maquete da autora

Fig. 48 – Fotomontagem a partir de fotografia e maquete da autora

Fig. 49 – Fotomontagem a partir de fotografia e maquete da autora

Fig. 50 – Fotomontagem a partir de fotografia e maquete da autora

Fig. 51 – Fotografia da autora

Fig. 52 – Fotomontagem a partir de fotografia da autora

Fig. 53 – Fotografia da autora

Fig. 54 – Fotomontagem a partir de fotografia da autora

Fig. 55 – Fotografia da autora

Fig. 56 – Fotomontagem a partir de fotografia da autora

Fig. 57 – Fotografia da autora

Fig. 58 – Fotomontagem a partir de fotografia da autora

Fig. 59 – Fotomontagem a partir de fotografia e maquete da autora

Fig. 60 – Fotomontagem a partir de fotografia e maquete da autora

Fig. 61 –

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.977909582253068.1073741985.177098469000854&type=3>, consultado em 12/07/2015

Fig. 62 –

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.977909582253068.1073741985.177098469000854&type=3>, consultado em 12/07/2015

Fig. 63 –

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.977909582253068.1073741985.177098469000854&type=3>, consultado em 12/07/2015

Fig. 64 –

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.977909582253068.1073741985.177098469000854&type=3>, consultado em 12/07/2015

Fig. 65 –

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.977909582253068.1073741985.177098469000854&type=3>, consultado em 12/07/2015

Fig. 66 – Fotografia da autora

Fig. 67 –

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.977909582253068.1073741985.177098469000854&type=3>, consultado em 12/07/2015

Fig. 68 –

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.977909582253068.1073741985.177098469000854&type=3>, consultado em 12/07/2015

Fig. 69 –

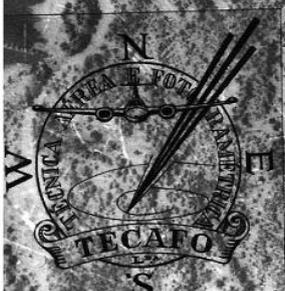
<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.977909582253068.1073741985.177098469000854&type=3>, consultado em 12/07/2015

Fig. 70 – Almeida, António. (2015, 30 de Junho). Homenagem do Município à Povoação de Ponte do Sótão, Fábrica de Papel – 171 Anos de História. *O Varzeense*, pág. 20.

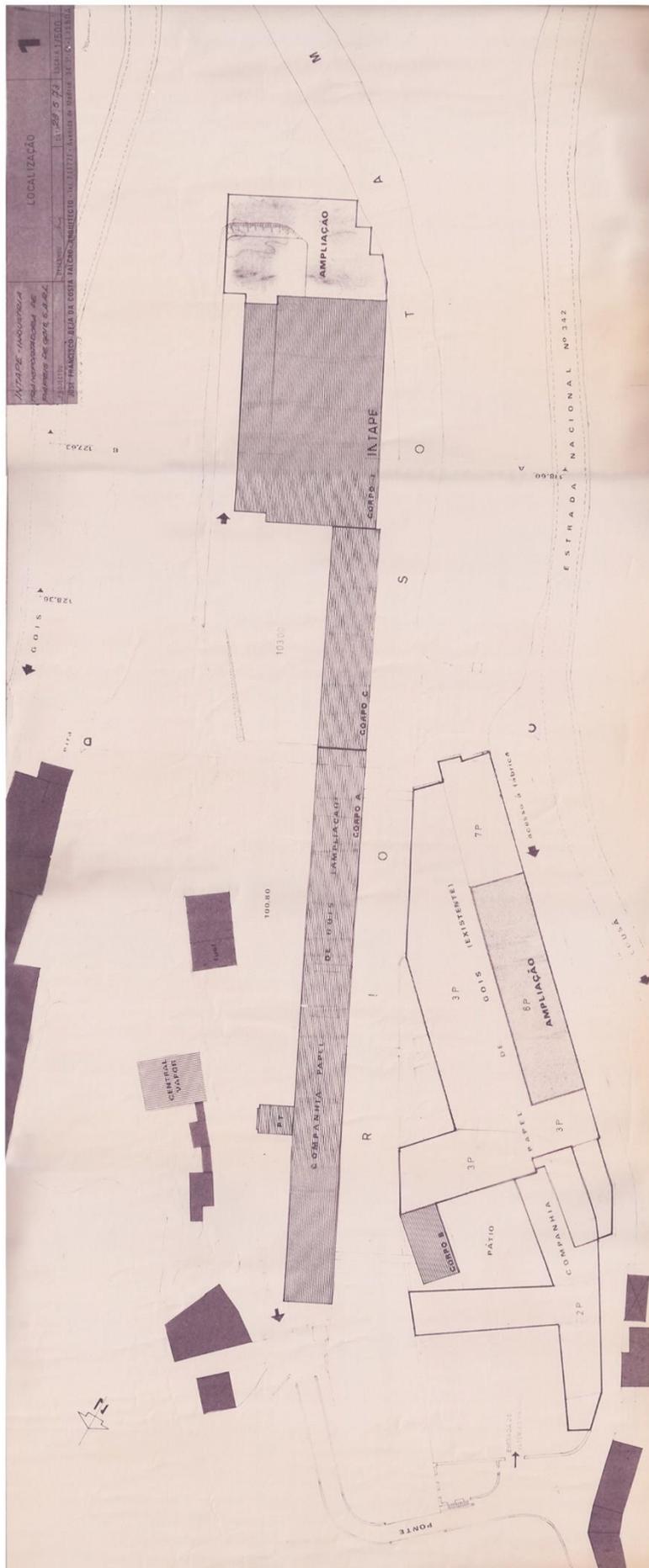
ANEXOS

ANEXO 1

**Documentos antigos
Implantação da Fábrica de Papel de Góis**



Ortofotomapa (TECAFO Lda.) | Implantação da Fábrica de Papel de Góis | s.d.
Documento cedido pelo Eng. Nogueira Ramos



Planta de implantação do complexo da Fábrica de Papel de Góis | arquitecto José Falcão | 1973
 Documento cedido pelo Eng. Nogueira Ramos



GOIS (Portugal) – Ponte do Sotom – Fábrica de Papel

Edição da Havanega Goiense

Postal | s.d.

<http://goismemorias.weebly.com/imagens.html>, consultado em 30/07/2015

ANEXO 2

Revista Industrial

Francisco Inacio Dias Nogueira

Foi-nos apresentado ha pouco tempo ainda por um amigo comum. Alguns minutos de conversa bastaram para que o seu caracter se nos definisse claramente, de modo a podermos compreender que tinhamos diante de nós uma grande alma da nossa, infelizmente, reduzida elite moral.

Não nos enganamos. Relações posteriores não só confirmaram absolutamente o nosso juizo, como ainda mais nos engrandeceram a sua individualidade.

Francisco Inacio Dias Nogueira, é dos poucos que imediatamente cativam pela superioridade do seu espirito, pela grandeza das suas inexcedíveis faculdades de trabalho, pela franqueza que sabe imprimir a todos os seus actos, pela distincção que sabe dar ao seu convívio, mantendo sempre aquele traço característico que define o homem de esmerada educação.

Na vida particular, nas relações com os amigos e com os seus hospedes, é duma gentileza e correcção que prendem e fascinam mais ainda que os jorros de luz que se espalham por toda a sua casa, que faz lembrar os lendarios palacios dos antigos reis orientais ou as deslumbrantes regiões de fadas de que nos falaram em creanças as nossas avós e as nossas creadas velhinhas.

Como industrial, está-lhe designado o lugar de honra que por direito lhe pertence na vida historica da industria nacional.

Nada mais justo que consagrar, moralmente pelo menos, aqueles que pelo trabalho e pela iniciativa

se entregam ao engrandecimento economico do Paiz.

O egoismo mesquinho da maioria dos nossos concidadãos habi-

Ainda bem que alguém aparece que sabe lutar com todas as invejas, desprezar todas as indiferenças, vencer todos os obstaculos, refreiar todas as ambições morbidas do egoismo alheio.

Ao numero dos que sabem triunfar, confiando em si proprios, pertence Francisco Inacio Dias Nogueira, que venceu — e hoje muitos d'aqueles que o esqueceram nas horas de lucta, que o abandonaram nos dias de amargura e que lhe crearão propositamente contrariedades, hão de sentir-se pequeninos diante do gigante, que se formou á custa do proprio esforço.

Por mais miseravelmente avaro que um homem possa ser, uma parte do seu trabalho e do seu esforço pertence aos outros — á colectividade social.

E' bom que os egoistas incorrigíveis o saibam.

Dias Nogueira, trabalhando, não trabalhou só para si — trabalhou, e não pouco, para os outros também.

Que o digam os habitantes da pequenina e encantadora vila de Gois que estão gosando dos beneficios do trabalho e da iniciativa de Dias Nogueira, tendo luz em abundancia nas ruas e em suas casas.

A vontade e intelligencia do seu illustre conterraneo, devem tão importante melhoramento, que só poderia ser bem avaliado se um diá lhes faltasse.

Se em todas as localidades houvesse uma creatura da envergadura de Francisco Inacio Dias Nogueira, Portugal seria convertido em poucos anos em um ninho de fadas



tuou-se a ver em todos os empreendimentos exclusivamente o predomínio do interesse particular, resultando deste criterio minuscuro, crimosamente personalista, a má vontade e a indiferença com que, regra geral, esbarram todas as iniciativas louváveis. E' o vacuo feito em volta do trabalho, a regelação de todas as iniciativas.

Galeria artística, industrial e comercial



Cliché de Fel. Vasquez — Lisboa

Alfredo Elio Nogueira Dias

Director da Fabrica do Papel do Ponte do Sotem da Companhia do Papel de Gois

Não poderia esta *Revista* esquecer tão ardente luctador e que ao lado do seu irmão Francisco Inácio Dias Nogueira, dispensando-lhe toda a sua energia de homem de luta, toda a sua fé de apóstolo do trabalho e toda a lealdade da sua intelligencia, tanto tem contribuido tambem para o desenvolvimento da Fabrica de Papel da Companhia de Gois, em que, um e outro, sentem bem o esforço dos antepassados, e divisam a continuação espiritual duma geração de trabalho e de empreendimentos.

Os laços do trabalho são os que mais estreitam a familia, os que mais unem os membros d'uma sociedade, porque em toda a parte se pode encontrar uma recordação da nossa energia, uma pequenina fulguração da nossa intelligencia, uma afirmativa das nossas esperanças, um traço da nossa vida; ou então uma lembrança dos nossos sacrificios ou ainda as ruínas tristes de muitos sonhos e de muitas ilusões.

A alma materialisa-se encadeando-se tempo alem, por intermedio do

fruto do trabalho, nas almas de todos aqueles que nos venham substituir neste mundo de tão grandes lutas, mas de tão grandes desenganos tambem.

Como Francisco Inácio Dias Nogueira, Alfredo Elio Nogueira Dias dedicou-se de alma e coração á sua fabrica, ligando-se aos seus illustres antepassados pela continuação do seu trabalho, pelo engrandecimento da sua obra.

Foi-lhe confiada a direcção técnica, e ninguem com mais proficiencia, com mais faculdades de trabalho e com mais carinho, se teria desempenhado de tão arduo como complexo lugar.

Francisco Inácio Dias Nogueira e Alfredo Elio Nogueira Dias, sendo irmãos pelo nascimento, tambem o são pelo trabalho, dividindo entre si igualmente as glorias, os desenganos, as dôres e as ingratições.

Esta *Revista* orgulha-se por poder aproveitar a occasião de testemunhar a Alfredo Elio Nogueira Dias toda a admiração e estima que lhe merecem os que trabalham, todos aqueles que através de todas as incertezas e de todas as contrariedades, contribuem para o aumento da riqueza e para o engrandecimento do nome patrio.

Nossos colaboradores

Dão-nos a subida honra de iniciar a sua colaboração neste numero da nossa revista, os Ex.ªs Srs. Antonio Augusto Gonçalves e Dr. Baeta Neves.

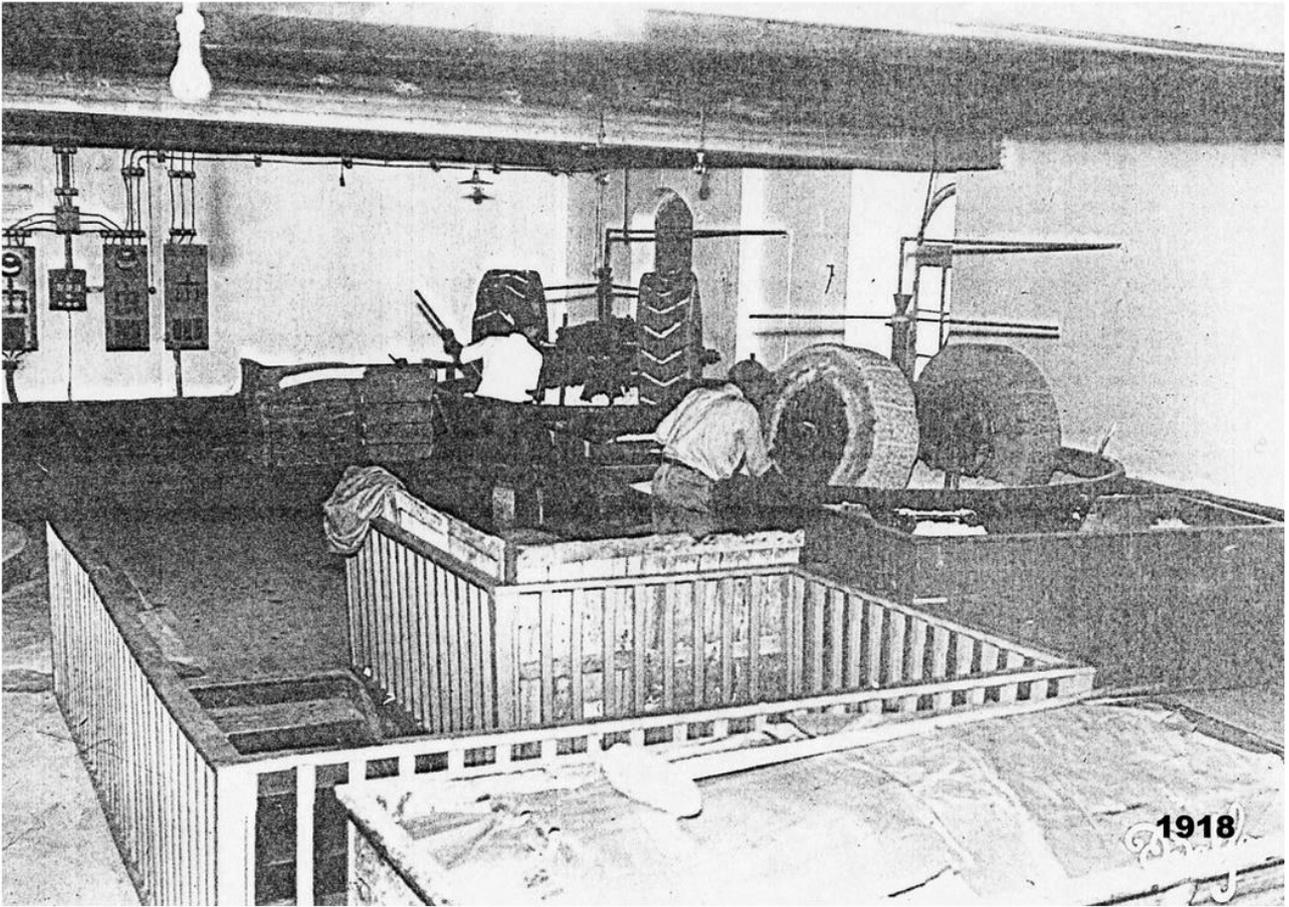
Nomes bastante conhecidos no mundo das letras, dispensam-nos de tecer, em seu louvôr, adjectivos encomiasticos.

A honra que nos conferem é sobretudo grata para que possamos deixar de a paten-tear, felicitando igualmente os nossos leitores pelo prazer que vão ter de apreciar os escritos de um dos nossos mais competentes criticos de arte e propagador acerrimo do ensino industrial e artistico, o Ex.ª Sr. Antonio Augusto Gonçalves, a quem tivemos o prazer de prestar a merecida homenagem nas nossas colunas, e bem assim, os trabalhos de erudita investigação historica a que de ha muito se tem entregue o Ex.ª Sr. Dr. Baeta Neves, medico de reconhecida proficiencia e escritor de nomeada. A villa de Gois, sua terra natal, que já mereceu a S. Ex.ª um largo estudo publicado em volume, é objecto de novo trabalho, cuja publicação hoje iniciamos.

Renovando os agradecimentos pela honra que S. Ex.ª nos dispensam, aqui deixamos escarçados os protestos do nosso reconhecimento.

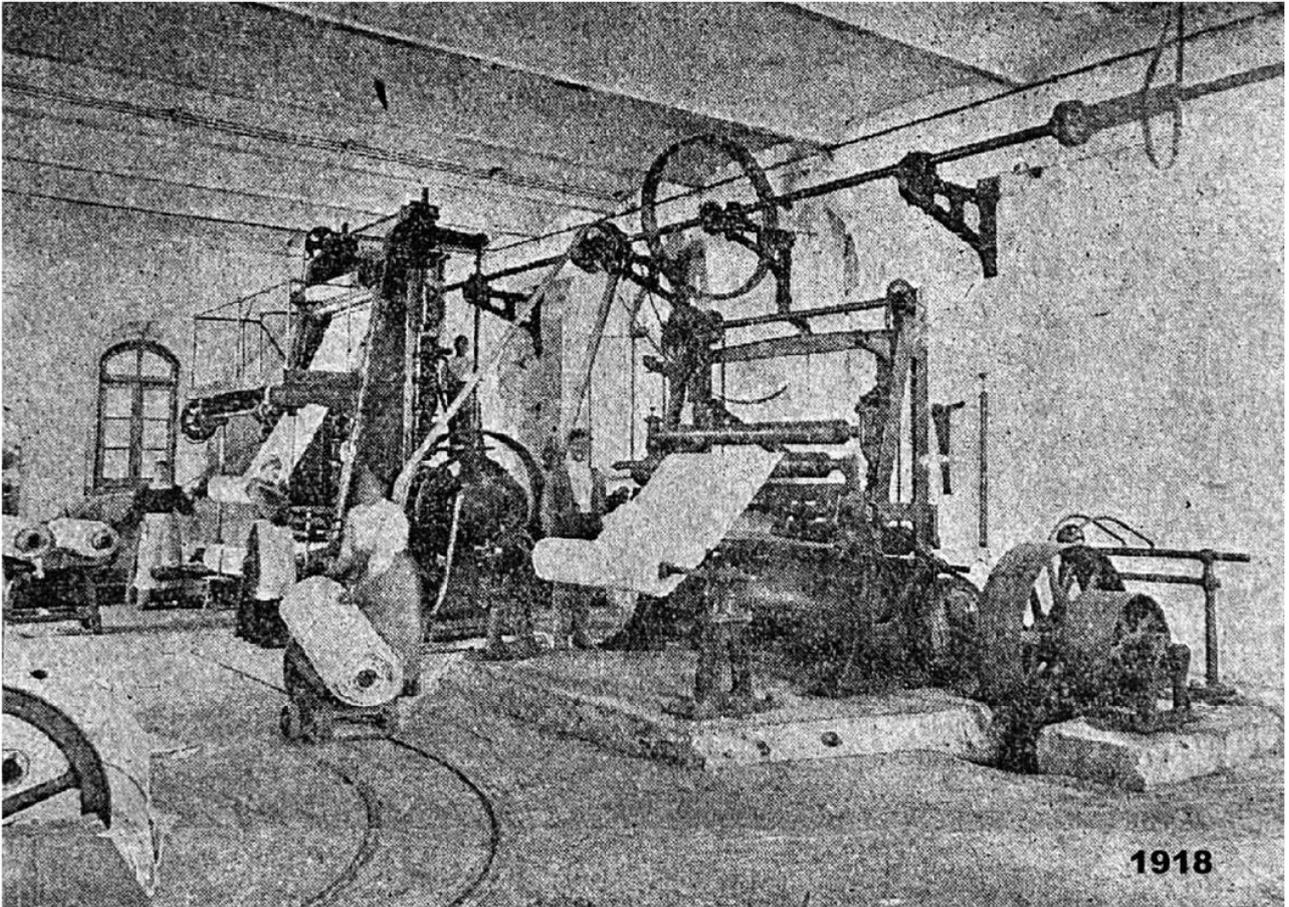
ANEXO 3

**Fotografias antigas
Laboração da Fábrica de Papel de Góis**



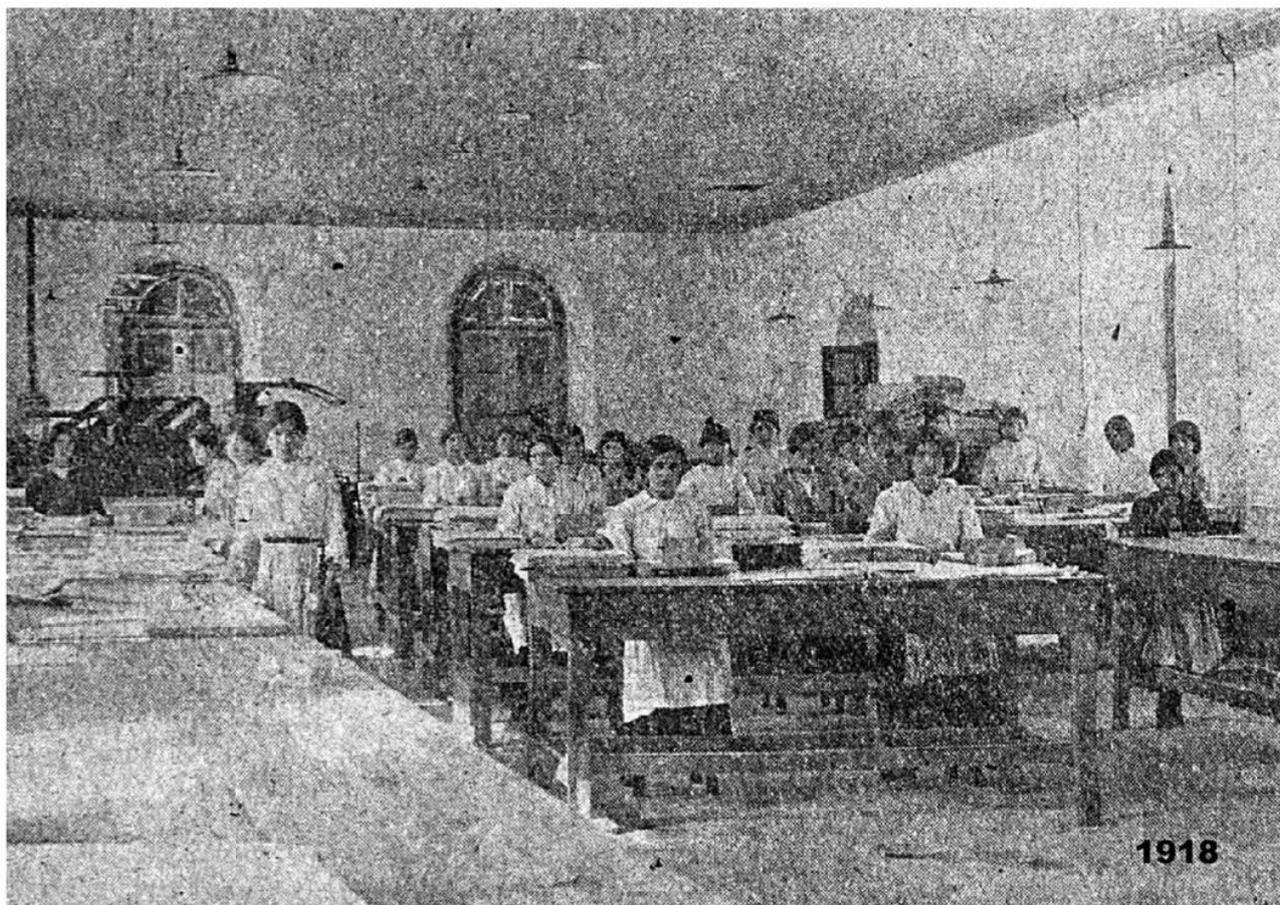
Fotografia de 1918

<http://goismemorias.weebly.com/imagens.html>, consultado em 30/07/2015



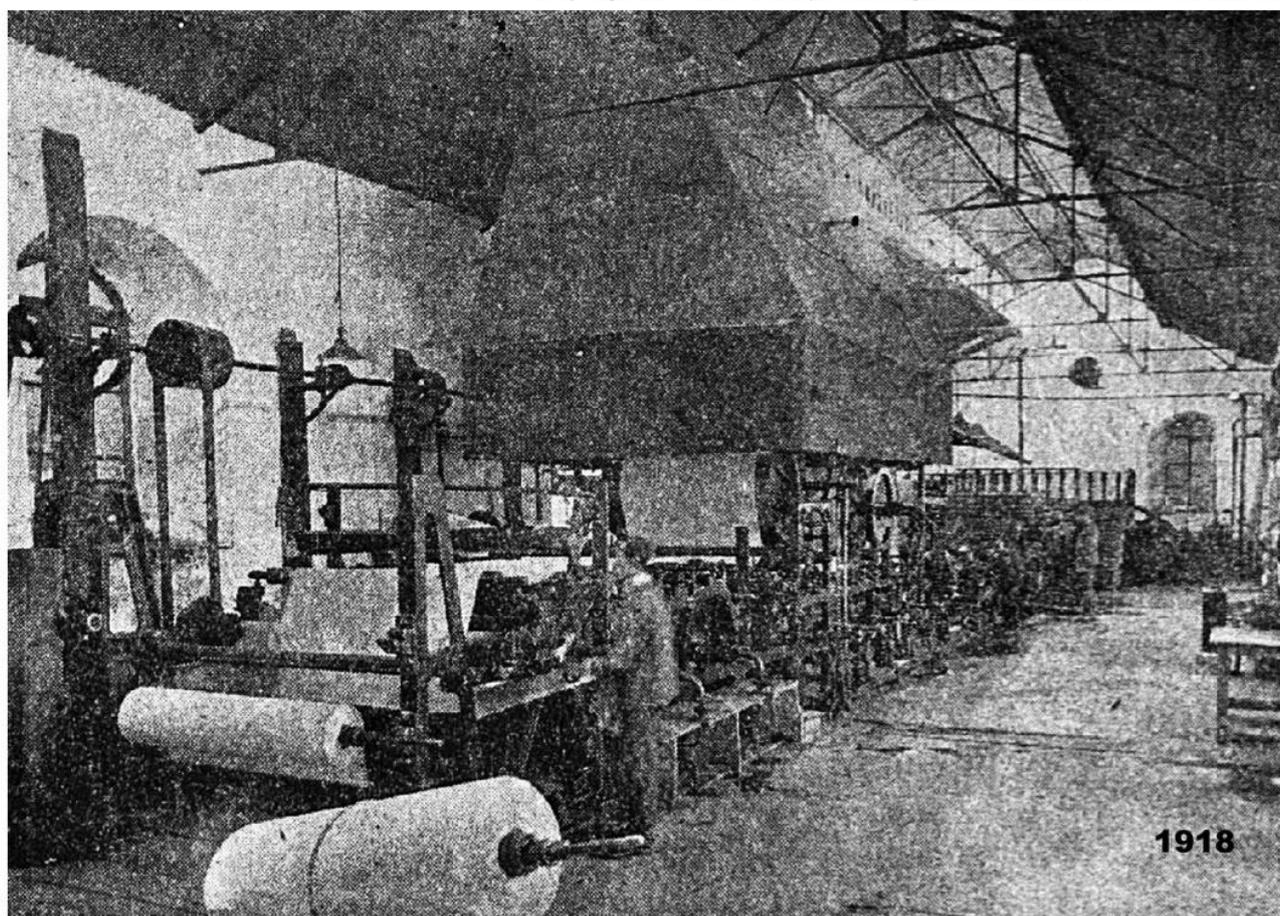
Fotografia de 1918

<http://goismemorias.weebly.com/imagens.html>, consultado em 30/07/2015



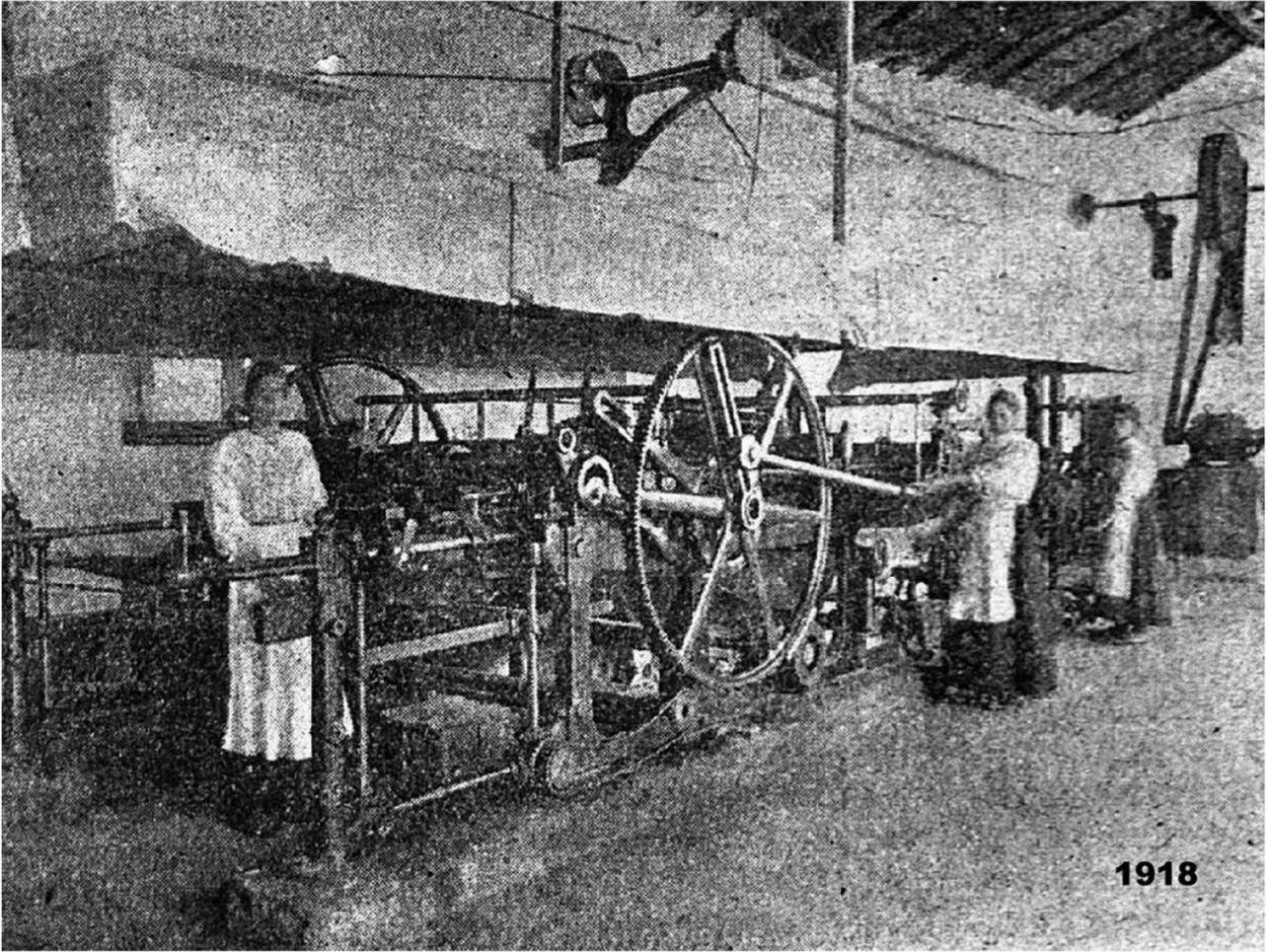
Fotografia de 1918

<http://goismemorias.weebly.com/imagens.html>, consultado em 30/07/2015



Fotografia de 1918

<http://goismemorias.weebly.com/imagens.html>, consultado em 30/07/2015



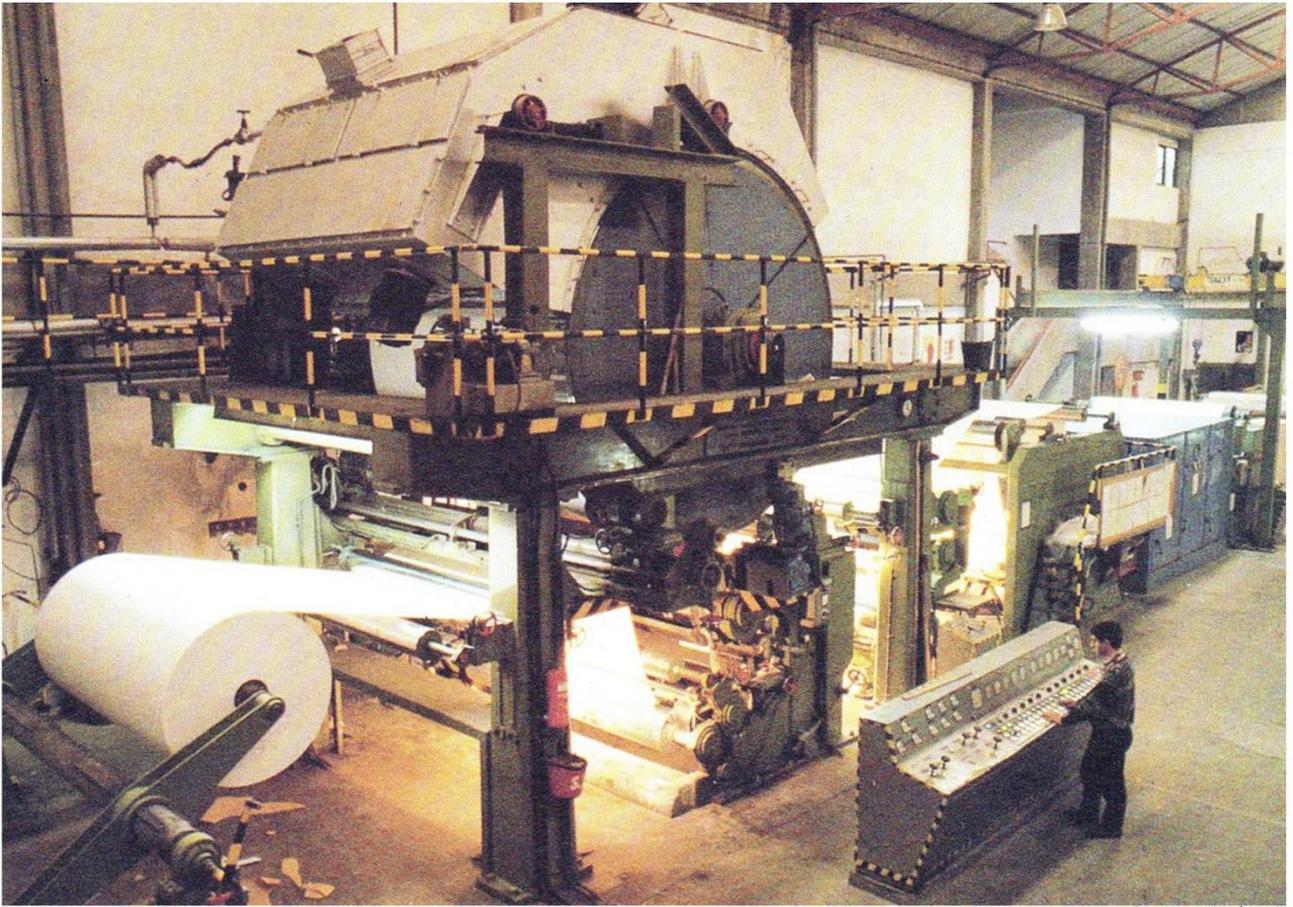
1918

Fotografia de 1918
<http://goismemorias.weebly.com/imagens.html>, consultado em 30/07/2015



1918

Fotografia de 1918
<http://goismemorias.weebly.com/imagens.html>, consultado em 30/07/2015



Fotografia INTAPE | s.d.
<http://goismemorias.weebly.com/imagens.html>, consultado em 30/07/2015



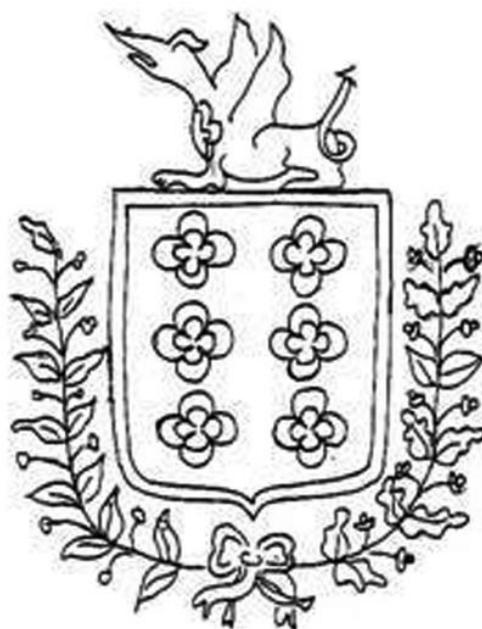
Fotografia INTAPE | s.d.
<http://goismemorias.weebly.com/imagens.html>, consultado em 30/07/2015

ANEXO 4

Marcas de água da Fábrica de Papel de Góis



GOIÁS



GOIÁS

GOIÁS

1822

GOIÁS

1822

PAULA

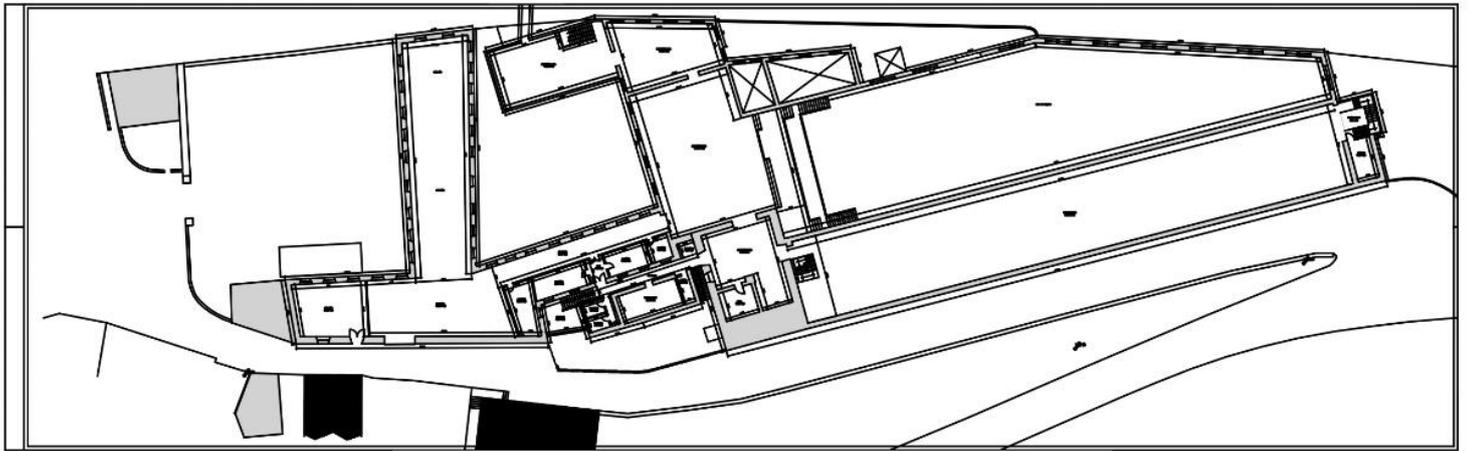
JOR

ANEXO 5

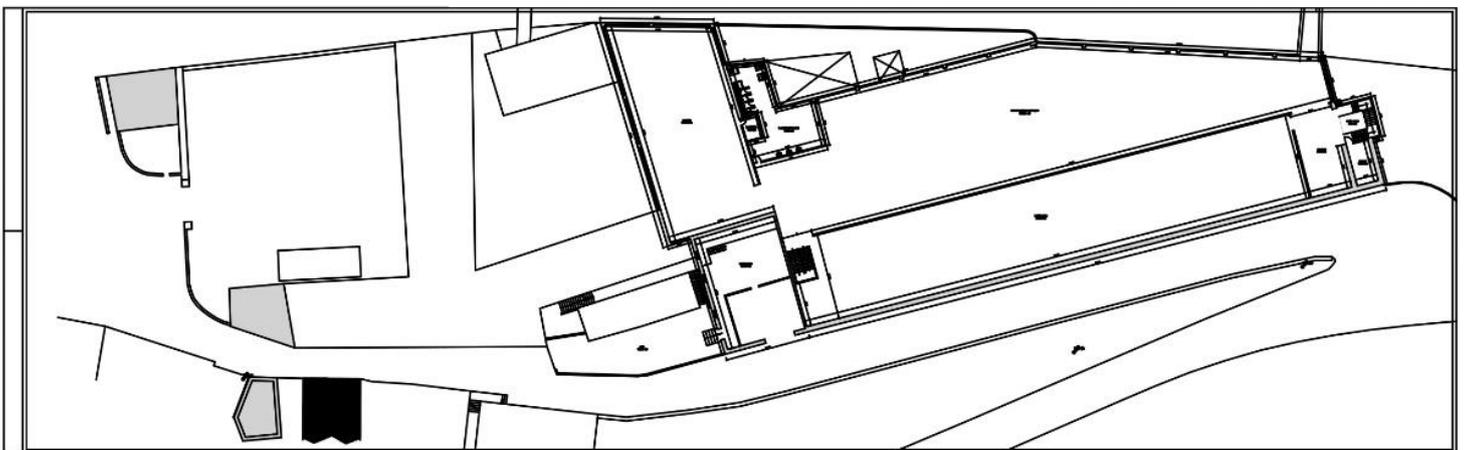
**Plantas do complexo da Fábrica de Papel de Góis
Cedidas pelo topógrafo Pedro Eduardo Costa Barata**



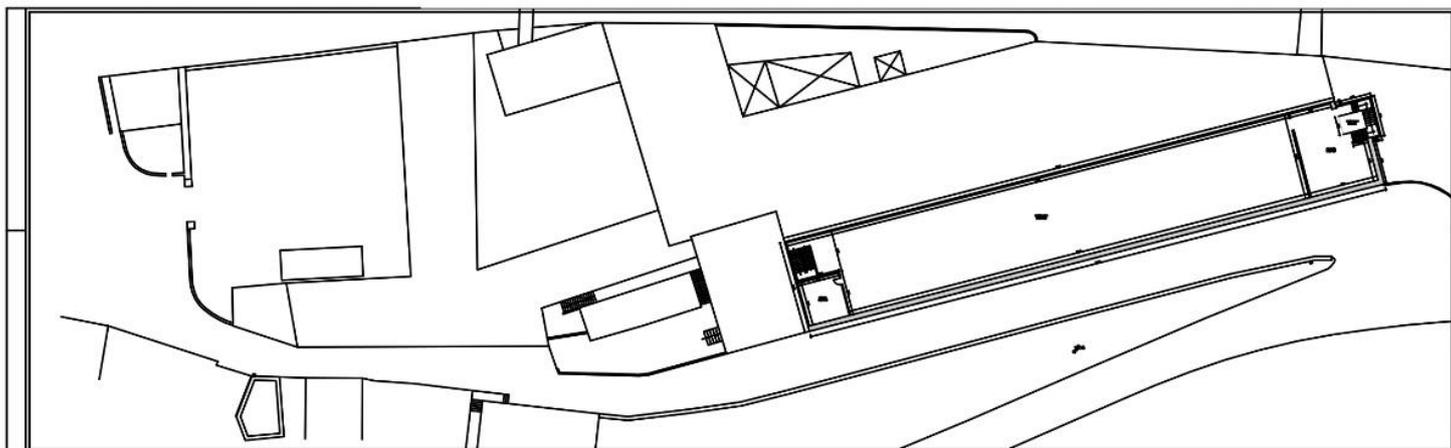
r/chão



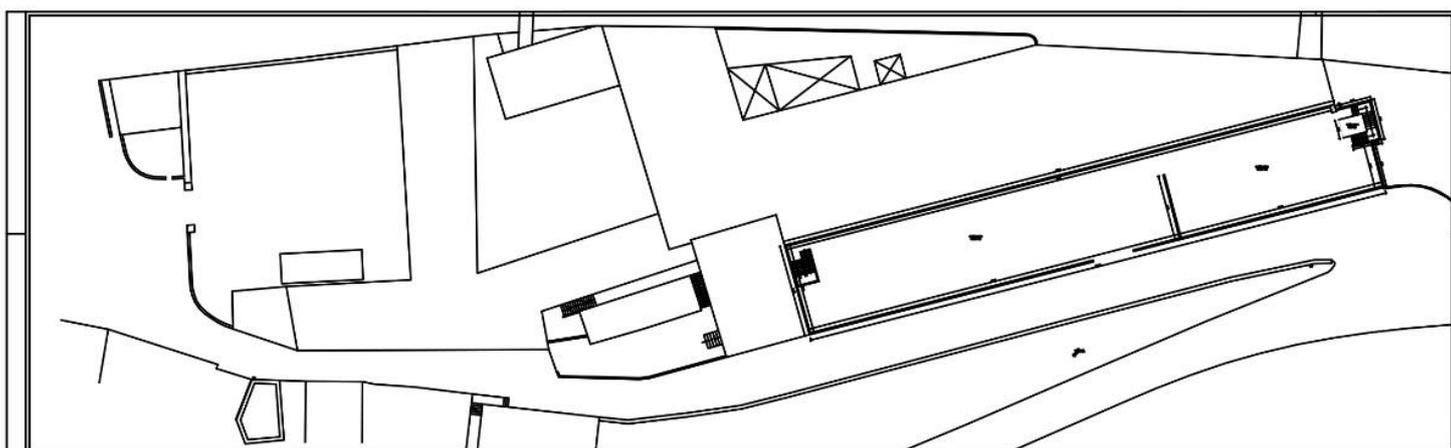
1º andar



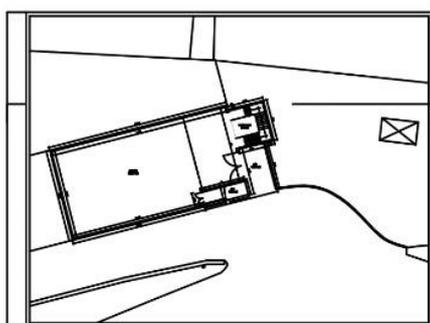
2º andar



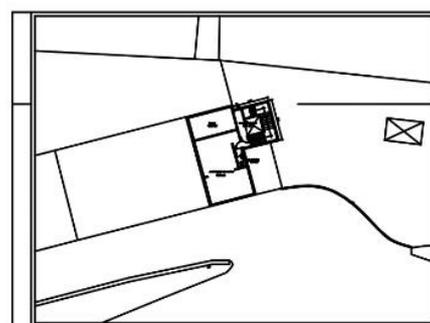
3º andar



4º andar



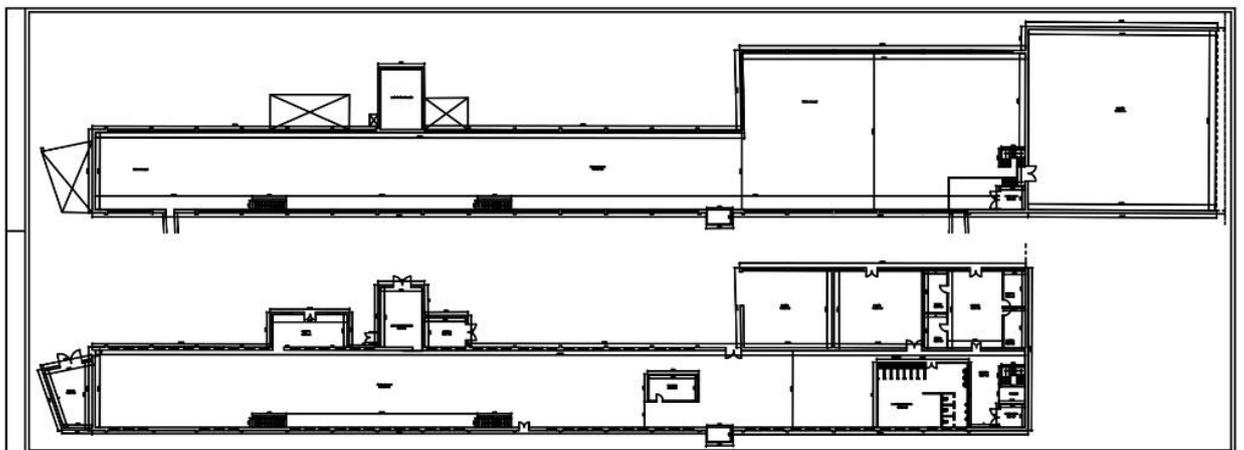
5º andar



6º andar

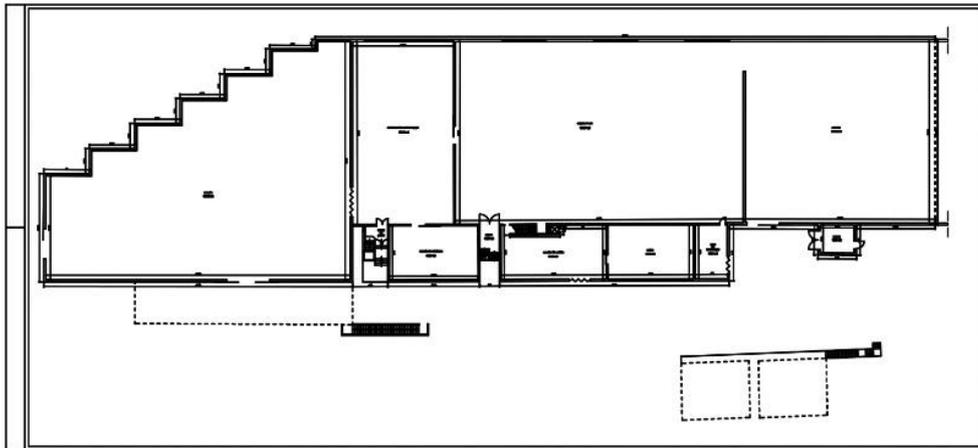
1º andar

r/chão

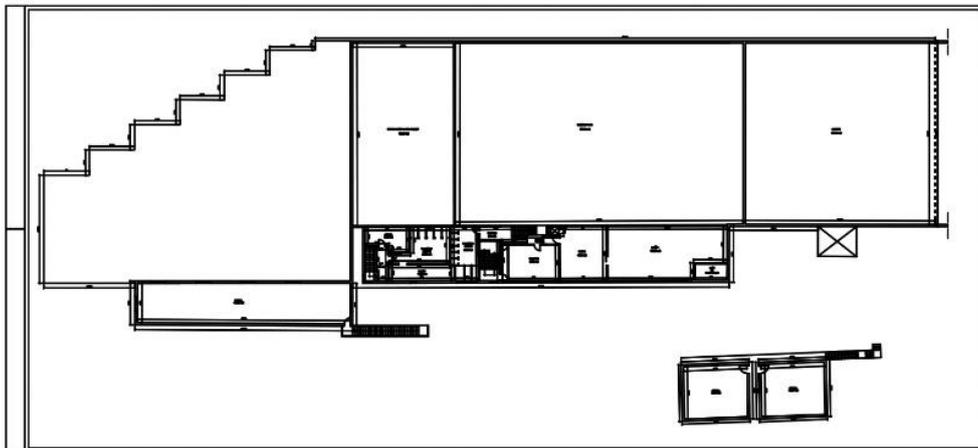




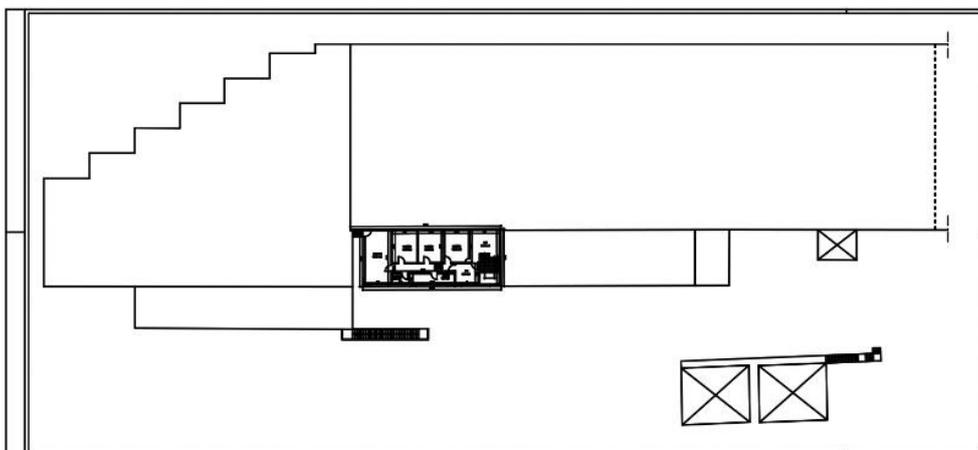
Planta de implantação | INTAPE
Levantamento de Dezembro de 2007 | Cedido pelo topógrafo Pedro Barata



r/chão



1º andar



2º andar